

AMOR ENJAULADO



PAOLO PICARIELLO

ROMANCE BREVE

AMOR ENJAULADO

Paolo Picariello

*À Nikita, que me ensinou que o carácter não se cria:
reconhece-se.*

PARTE I

AS GRADES

1. A mordida e o olhar

Génova fedia a chuva e a urina naquela manhã. O vento empurrava a água para debaixo das coberturas do campo de treino canino Monteverde e fazia bater contra a rede uma faixa publicitária: CAMPEÃO JÁ SE NASCE.

Pepe caminhava pelo cimento, evitando as poças. Vanessa vestira-lhe um casaquinho cor de areia, leve mas impermeável, e, sempre que ele abrandava, a trela ficava tensa.

— Cabeça erguida, meu amor. Hoje está cá o pessoal da televisão.

Pepe conhecia aquela voz. Amor queria dizer: não te sujes, não ladres, não olhes para onde te apetece.

Atrás da rede do campo grande, um mastim napolitano estava sentado ao lado de um homem com um charuto. Tinha o pelo cinzento, os beiços pesados e uma cicatriz branca no flanco direito. Não puxava. Não arquejava. Olhava.

Pepe abrandou.

— Anda. — Vanessa deu um puxão curto na trela.

O mastim acompanhou o gesto com os olhos. Depois olhou para Pepe, não para o casaquinho, não para o laço preso à coleira. Olhou para o tremor que lhe percorria as patas.

Aquele olhar foi a primeira mordida.

Pepe parou diante da rede. De perto, o mastim cheirava a terra molhada, a ferro e a qualquer coisa doce, talvez ao feno da casota.

— Como te chamas? — perguntou.

Os humanos ouviram um ganido e uma respiração mais funda.

— Número Sete.

— Isso não é um nome.

O mastim mexeu ligeiramente uma orelha. — Antes chamavam-me Gennaro.

Pepe repetiu-o em voz baixa, para lhe sentir o peso. — Eu sou o Pepe.

— Eu sei. O teu nome está escrito por todo o lado.

Nas barreiras havia três fotografias de Pepe: em cima de uma passadeira vermelha, ao colo de Vanessa, diante da fonte de uma cidade de que não se lembrava. Nas fotografias sorria.

— Não acredites nas fotografias — disse.

Gennaro baixou os olhos para a trela tensa. — Não acredito.

O homem do charuto reparou que o mastim deslocara o peso para a frente. Deu-lhe uma pancada no flanco com a biqueira do sapato, mesmo por baixo da cicatriz.

Gennaro não soltou um som.

Pepe soltou. Um latido seco, desproporcionado em relação ao corpo.

Vanessa ergueu-o pelo peitoral. — Que vergonha me fazes passar?

Enquanto era levado dali, Pepe continuou a olhar para Gennaro por cima do ombro dela. O mastim permanecera imóvel. Só a cauda, estendida na lama, se mexeu uma vez.

Não era uma despedida. Era a promessa de que voltariam a reconhecer-se.

2. Número Sete

O centro de criação de Alfredo Esposito ocupava um armazém nos arredores de Bolzaneto, entre a ribeira e a autoestrada. À frente havia uma tabuleta dourada, dois ciprestes em vasos e um portão elétrico. Atrás, vinte e seis boxes de betão.

Gennaro vivia no número sete.

Alfredo guardava no escritório o pedigree emoldurado e uma fotografia do pai de Gennaro por baixo da frase O SANGUE NÃO MENTE. Falava de mandíbulas, cabeças, angulações. Quando chegavam clientes, abria o boxe e fazia Gennaro subir para um estrado de borracha.

— Quarenta e nove quilos de raça pura.

Eram sessenta e dois, mas quarenta e nove soava melhor nas brochuras.

Duas ou três vezes por mês entrava uma fêmea. Alfredo fechava a porta de correr, dava ordens e anotava os tempos. A Gennaro ficavam agarrados os cheiros das outras e a sensação de ter emprestado o corpo a alguém que não lhe devolveria nada.

Naquela noite recusou a fêmea fulva trazida de Turim. Ela tinha as patas rígidas e respirava demasiado depressa. Gennaro cheirou-lhe o focinho e depois sentou-se.

— Vá. — Alfredo bateu palmas. — Trabalha.

A cadela tentou aproximar-se. Gennaro afastou-se.

A primeira pancada atingiu-o no dorso. A segunda, na cicatriz. Lorenza, a mulher de Alfredo, observava através do vidro do escritório, com um caderno apertado contra o peito.

— Chega — disse, sem abrir a porta.

Alfredo não a ouviu ou decidiu não a ouvir.

Quando o armazém voltou a ficar em silêncio, Gennaro escavou o resto de terra que havia sob a rede do boxe. Não procurava uma saída. Com o focinho desenhou duas orelhas direitas e um corpo minúsculo. A chuva trazida pelo vento apagou o desenho antes do amanhecer.

Do outro lado da cidade, Pepe dormia numa cama de pele sintética, sob uma prateleira cheia de taças. Vanessa deixara a luz acesa para poder filmá-lo, caso ele fizesse algum movimento engraçado durante o sono.

Pepe não se mexeu. Contava os ruídos do prédio e pensava num nome que não aparecia em cartaz nenhum.

Gennaro.

3. Chuva no campo

Voltaram a ver-se três semanas depois.

A trovoadas chegou durante os ensaios de grupo. Um relâmpago apagou os projetores do campo, e os humanos correram para a cobertura, arrastando cadeiras, sacos e cães. Para evitar uma luta, o guarda acomodou os animais nas caixas de transporte disponíveis.

Pepe ficou numa jaula de alumínio demasiado grande para ele. Gennaro, na do lado, demasiado pequena.

A chuva no telhado abafava as vozes. Vanessa discutia ao telemóvel perto da entrada; Alfredo fumava debaixo do letreiro PROIBIDO FUMAR.

Pepe aproximou-se da divisória perfurada que separava as jaulas. Através dos buracos via um dos olhos de Gennaro.

— Ele magoou-te?

— Não.

— Mentiste.

— Sim.

Pepe cheirou o metal. — Porque não o mordes?

Gennaro ficou em silêncio tempo suficiente para a chuva parecer mais forte.

— Porque depois da mordida há sempre uma jaula mais pequena.

Pepe pensou nos quartos de hotel, nas caixas de transporte debaixo dos assentos dos aviões, nos camarins sem janelas. — Mesmo sem mordida.

Gennaro deslocou o focinho até tocar no metal. Pepe fez o mesmo. A divisória estava fria entre os narizes dos dois.

— Que idade tens? — perguntou Gennaro.

— Oito anos. Vanessa diz seis quando lhe perguntam na televisão.

— Eu tenho quatro.

— E ainda te chamam Número Sete.

— Os números não envelhecem.

Do fundo da cobertura veio uma tosse. Alfredo dizia a outro criador que mandaria Gennaro para Milão para uma recolha de sémen. Falava da viagem, do preço e da quantidade como se estivesse a encomendar gasóleo.

Pepe ouviu. — Vais fazê-lo?

— Vão pôr-me um açaim. Depois fazem o que quiserem.

— Podes recusar-te.

— Recusei-me ontem.

Gennaro virou-se ligeiramente. Através dos furos, Pepe viu a cicatriz e, mais abaixo, duas nódoas negras.

A raiva subiu-lhe da barriga à garganta. Não ladrou. Encostou uma pata ao metal.

Gennaro cobriu-a do outro lado com a sua. O buraco entre ambos era do tamanho de uma unha, mas bastava para deixar passar o calor.

Quando a luz voltou, os humanos abriram primeiro a jaula de Pepe. Vanessa pegou-lhe ao colo e passou-lhe um toalhete nas patas.

— Parece que estiveste na guerra.

Pepe olhou para o boxe do lado. Gennaro não retirara a pata.

— Ainda não — disse.

Vanessa ouviu apenas um pequeno rosnado e apertou-o com mais força.

...

No domingo seguinte, o campo recebeu uma exposição regional. As barreiras dividiam o relvado em dois rings; dos altifalantes saíam nomes, números e resultados. Pepe passou a manhã em cima de uma mesa de preparação, enquanto três pessoas lhe arranjavam o pelo, que não precisava de ser arranjado.

Vanessa borrifou-lhe o dorso com um produto que cheirava a pó de talco. — Hoje, nada de birras.

Do outro lado do relvado, Alfredo fazia Gennaro andar para a frente e para trás diante de um juiz. Erguia-lhe a cabeça com a trela e empurrava-lhe as patas para a posição desejada. Sempre que o mastim tentava sentar-se, a corrente apertava-lhe a garganta.

Pepe acompanhou tudo pelo espelho da mesa. Quando chamaram a sua categoria, atravessou o ring sem errar um passo. O juiz abriu-lhe a boca, examinou-lhe os dentes e passou-lhe uma mão ao longo do dorso. Pepe ficou imóvel. Aprendera que a imobilidade encurtava o contacto.

Ganhou.

Vanessa ergueu-o acima da cabeça enquanto o fotógrafo disparava. Nos braços dela, Pepe viu Gennaro atrás da cortina dos expositores. Alfredo prendera-o a um poste com três fêmeas e estava a beber no bar.

Assim que Vanessa o pousou, Pepe enfiou-se debaixo da mesa e correu para trás das cortinas. Tinha menos de um minuto até darem pela sua falta.

Gennaro ouviu-o chegar. — Ganhaste.

Pepe olhou para a roseta presa ao peitoral. — Não fiz nada que quisesse fazer.

— Andaste bem.

— Também ando bem quando vou beber.

Uma das fêmeas presas ao lado de Gennaro observava-os. Era jovem, com as mamas ainda inchadas de leite. — Vocês são os dois da trovoadá.

Gennaro baixou o focinho. — Como estão as crias?

— Vendidas. Dizem que estão todas bem.

A cadela virou a cabeça para o bar, onde os criadores comparavam fotografias nos telemóveis. — Já não me lembro do cheiro delas.

Pepe não encontrou nada para dizer. A roseta pesava-lhe no peito.

Gennaro aproximou o nariz do dele. — Quando é que te levam?

— Ainda não sei.

— Aprende o caminho.

— Faço-o sempre.

Vanessa chamou-o. Pepe mal teve tempo de lambe o lábio inferior de Gennaro, onde a pele formava uma prega húmida, antes de regressar ao ring.

Nesse dia, nas fotografias oficiais, apareceu com o focinho perfeito e a roseta azul. Ninguém reparou num pelo cinzento que lhe ficara preso entre os dentes.

4. A sala dos troféus

Vanessa vivia em Castelletto, num apartamento com duas varandas e sem uma única fotografia que não mostrasse o seu rosto. As taças de Pepe ocupavam a parede do corredor; os brinquedos estavam num cesto atrás da porta de serviço.

Naquela noite, ela chegou tarde e sentou-se no chão ainda vestida. Tinha descalçado um sapato, mas o outro não. Pepe observava-a da cama.

— Sabes qual é o problema? Se deixares de ganhar, eu também deixo de existir.

Não estava bêbeda. Estava cansada, e, quando se cansava, falava com ele como se pudesse responder-lhe.

Pepe aproximou-se. Vanessa pegou-lhe ao colo, tirou com dois dedos uma erva presa no pelo e massajou-lhe a base das orelhas. Sabia o ponto exato.

Durante alguns minutos não houve telemóvel, luzes nem ordens. Pepe sentiu-lhe o coração bater por baixo da camisa.

Depois o ecrã em cima da mesa iluminou-se. Vanessa pegou no telemóvel.

— No sábado fazemos Righi. Pôr do sol, skyline e coleira nova. Se ficar bem, a marca renova.

Pepe saiu-lhe do colo.

O contrato estava em cima da mesa. Aprendera a reconhecer o próprio nome entre as linhas e o valor escrito no fim. Vanessa não o ensinara a ler; tinham sido anos de etiquetas, painéis e folhas deixadas abertas.

Ela apontou para uma página. — E depois Milão. Têm um programa de reprodução. Só dois meses.

Pepe conhecia o significado das palavras programa e reprodução. Ouvira-as usar perto dos boxes.

Vanessa reparou que ele tremia. Cobriu-o com uma manta de caxemira e aumentou o termóstato.

— Tens frio, meu amor?

Pepe ficou debaixo da manta até a respiração dela se tornar regular. Depois saiu, atravessou o corredor e sentou-se diante da parede das taças.

O metal devolvia-lhe uma imagem partida: um olho, uma orelha, a coleira.

Pela primeira vez não viu um campeão. Viu um animal que deixara os outros decidir tudo.

5. O cheiro do ferro

Alfredo trazia as chaves do armazém presas à cintura. Quando caminhava, tilintavam contra a fivela como dentes.

Gennaro aprendera a distinguir cada chave. A comprida abria o portão exterior; a achatada, o escritório; a pequena com o rebordo vermelho, a sala dos medicamentos. A chave do seu boxe era a segunda a contar da esquerda.

Certa manhã, Lorenza entrou sozinha. Trazia uma bacia com água e compressas limpas. Alfredo fora ao banco.

Abriu o boxe sem olhar Gennaro nos olhos. — Deixa-me ver.

Ele ficou quieto.

Lorenza tocou no pelo em redor da cicatriz. A pele abrira-se outra vez. Limpou o sangue com movimentos leves, mas as mãos tremiam-lhe.

— Ele nem sempre foi assim — disse.

Gennaro cheirou-lhe os dedos. Sabiam a sabão, fumo de tabaco e medo.

Ela acabou o penso e deixou a porta aberta enquanto apanhava as compressas. Entre Gennaro e o pátio não havia nada. Para lá do pátio, o portão elétrico estava entreaberto para a carrinha da ração.

Gennaro deu um passo.

Lorenza levantou a cabeça. Durante um instante não se mexeu. Podia ter virado as costas.

Depois fechou o boxe.

— Hoje não.

A fechadura encaixou. Gennaro regressou à manta.

Naquela noite, Alfredo pôs-lhe um açaim e arrastou-o para a sala de exames. Em cima da mesa estavam os formulários para a transferência para Milão. A partida estava marcada para a segunda-feira seguinte.

Alfredo puxou-lhe a pele do pescoço para mostrar o microchip ao veterinário. — Este volta quando acabar. Se não render, fica lá.

O veterinário não fez perguntas.

Gennaro fixou as chaves à cintura de Alfredo. A segunda a contar da esquerda.

6. A carrinha branca

No sábado seguinte, a marca de ração organizou uma filmagem publicitária à beira-mar, em Savona. Vanessa levou Pepe. Alfredo levou Gennaro como símbolo da força da raça.

Puseram-nos na mesma carrinha, em jaulas opostas. Entre ambos havia um corredor com meio metro de largura.

A viagem durou uma hora, mas o trânsito prolongou o regresso pela noite dentro. Os humanos iam sentados à frente, com a música alta. Atrás, cada curva deslocava as jaulas alguns milímetros.

— Na segunda-feira levam-me — disse Gennaro.

Pepe ouvira Vanessa falar de Milão. — A mim também.

— Durante quanto tempo?

— Ela diz dois meses. Quando diz só, é porque não sabe.

A carrinha entrou num túnel. No escuro, a voz de Gennaro pareceu mais próxima.

— Se pudesses sair, para onde ias?

Pepe pensou nas cidades vistas do fundo de uma caixa de transporte. Não conhecia nenhuma sem passadeiras vermelhas, lobbies ou camarins. — Para um sítio onde não soubessem o meu nome.

— Eu voltava ao mar.

— Nunca lá estiveste em liberdade.

— Por isso mesmo.

À saída do túnel, as luzes da autoestrada atravessaram a carrinha. Pepe viu a cabeça de Gennaro encostada às

grades. Enfiou uma pata entre os ferros da própria jaula. Não chegava ao corredor.

Gennaro estendeu a sua. As unhas roçaram uma na outra.

— No Campasso há um terminal ferroviário abandonado — disse Gennaro. — Sinto-o sempre que me levam ao campo. Ferro velho, óleo e uma figueira que cresce no muro.

— Como sabes que está abandonado?

— Os humanos fecham bem as coisas que usam.

Pepe memorizou os cheiros, as curvas e o ruído dos carris. — Se um de nós sair, espera lá.

— Quanto tempo?

— Até o outro chegar.

A carrinha travou. As patas separaram-se.

Do banco da frente, Vanessa voltou-se. — Olhem para eles. Parecem apaixonados.

Alfredo riu-se. — O teu é do tamanho da cabeça do meu.

Pepe e Gennaro não se riram.

• • •

Pouco depois de Arenzano, a carrinha avariou. Alfredo conseguiu chegar a uma área de serviço e chamou a assistência em viagem. Disseram-lhe que teriam de esperar pelo menos duas horas.

Vanessa e Alfredo entraram no bar. Deixaram uma porta entreaberta para circular ar e acenderam a luz interior. No parque, os camiões chegavam e partiam; cada motor fazia o chão estremecer.

Pela primeira vez tiveram tempo.

— Como eras antes de seres um número? — perguntou Pepe.

Gennaro encostou a cabeça às grades. — Tinha uma irmã. Dormíamos um em cima do outro. Ela mordida-me as orelhas.

— Onde está?

— Venderam-na para França. Alfredo diz que deu campeões.

— Lembras-te do nome dela?

— Luna.

Pepe não tinha irmãos de que se lembrasse. A mãe era um cheiro quente, leite e um tecido áspero. Depois tinham vindo as mãos, a viagem e Vanessa.

— Ela escolheu-me porque eu era o mais pequeno — disse.

— Trazia-me dentro do casaco. Ao princípio dormia na almofada dela.

— E depois?

— Ganhei a primeira competição.

O ruído de um compressor abafou o parque durante alguns segundos.

— Às vezes ela é meiga — continuou Pepe. — É isso que baralha tudo.

— Lorenza também me limpa as feridas.

— E abre o boxe?

— Quando Alfredo não está.

— Então podes sair.

— Volta a fechá-lo antes que eu escolha.

Pepe enfiou as duas patas entre as grades. — Talvez tenham medo do que acontece se deixarem de ser nossos donos.

— E nós, de que temos medo?

Pepe olhou para as luzes brancas da área de serviço. Dormira em dezenas de sítios sem saber em que cidade estava. — Que lá fora não haja nada.

Gennaro deslocou o corpo. Com esforço, conseguiu enfiar o focinho entre duas grades, aproximando-o o suficiente das patas de Pepe. Tocou-lhes com a língua.

— Lá fora estás tu — disse.

Pepe fechou os olhos. Nunca ninguém lhe oferecera alguma coisa que não pudesse ser fotografada, vendida ou retirada.

Quando os humanos regressaram, encontraram-nos ambos deitados contra as portas das jaulas, o mais perto possível do corredor. Vanessa tirou uma fotografia.

— Isto vai arrasar nas redes sociais.

Pepe abriu os olhos. Pela primeira vez, não lhe importou.

7. O portão

No último domingo antes da partida, o campo Monteverde estava quase vazio. Chovia há dias e a ribeira, atrás das árvores, corria castanha.

Vanessa ensaiava uma sequência diante da câmara. Alfredo falava com um cliente junto dos boxes. Ninguém viu o guarda abrir o portão de serviço para deixar passar um carrinho de mão.

Pepe viu.

Libertou-se da mão de Vanessa com uma torção aprendida nos bastidores e correu. Não para a saída, mas para Gennaro. O mastim estava preso a uma argola na parede. Pepe saltou para cima da caixa de ferramentas, agarrou com os dentes a ponta do mosquetão e puxou. Uma vez, duas. A mola cedeu.

Correram juntos pelo portão fora.

Atrás do campo havia um armazém baixo, com o telhado abatido e sacos de serradura empilhados ao longo de uma parede. Entraram por uma porta sem folha. Durante alguns minutos ouviram apenas a chuva e as vozes distantes que os chamavam.

Pepe estava ofegante. Gennaro pôs o corpo à frente da entrada.

— Podemos ir agora — disse Pepe.

Gennaro cheirou o vento. — Apanham-nos antes da ponte. Tu tens chip. Eu também.

— Então porque saímos?

Gennaro voltou-se. A lama cobria-lhe as patas até aos jarretes. — Para sabermos que conseguimos.

Pepe aproximou-se da cicatriz. Lambeu-a devagar, uma única vez. Gennaro estremeceu, mas não de medo.

— Em Milão vão voltar a usar-te — disse Pepe.

— A ti também.

— Eu não quero.

— Nem eu.

As vozes aproximavam-se. Vanessa chamava por Pepe no tom doce das emergências; Alfredo gritava Número Sete.

Gennaro baixou a cabeça sobre o pescoço de Pepe. A respiração era quente e lenta.

— Campasso — disse.

— A figueira no muro.

— Espera.

— Tu também.

Regressaram ao campo antes de os humanos os encontrarem. Pepe deixou-se pegar ao colo. Gennaro sentou-se junto da argola partida.

Alfredo voltou a pôr-lhe a trela e bateu-lhe com a fivela, diante de todos. Vanessa desviou os olhos.

Pepe não.

8. A véspera

No domingo à noite, Vanessa fez duas malas. Na grande pôs a roupa; na rígida, a comida de Pepe, os produtos para o pelo e o casaquinho cor de areia.

— Amanhã começa uma vida nova — disse.

Pepe viu-a fechar o fecho de correr. Sabia que ela falava de si própria.

Antes de dormir, Vanessa levou-o à varanda. Génova brilhava lá em baixo, comprimida entre as colinas e o mar. Ao longe, um comboio de mercadorias passou em direção ao Campasso.

Ela acariciou-lhe o peito. — Sem ti não teria feito nada.

Pepe encostou o focinho ao pulso dela. Sentia-lhe o sangue.

No armazém, Alfredo carregou para a carrinha o açaimo, os documentos e uma seringa com sedativo entregue pelo veterinário. Lorenza seguia-o em silêncio.

— Não lhe dês demais — disse.

— Adormecido vale o mesmo.

Gennaro escutava do boxe. A chave estava à cintura de Alfredo, a segunda a contar da esquerda. O portão exterior ficaria aberto durante o carregamento.

Durante toda a noite, nenhum dos dois cães dormiu.

Pepe contava os minutos entre a passagem de um comboio e outro. Gennaro contava os passos de Alfredo do escritório ao boxe.

Não tinham decidido matar. Tinham decidido não partir.

PARTE II

DOIS CADÁVERES

9. O miradouro

Vanessa mudou de planos ao amanhecer.

Antes do comboio para Milão, quis filmar um último vídeo nas colinas de Righi. O céu abrira depois da chuva e Génova, vista do miradouro, parecia uma laje de ardósia inclinada para o mar.

— Dez minutos — disse ao taxista. — Depois, estação.

Trazia botas de salto alto, um casaco branco e a mala já na bagageira. Pôs a Pepe a coleira de diamantes cor-de-rosa que ele detestava. A trela extensível estava enrolada duas vezes no pulso.

O local escolhido para a filmagem ficava para lá da balaustrada principal, num terraço interdito ao público. Uma placa proibia o acesso devido à derrocada da borda. Vanessa afastou-a com o pé.

— Com aquela rede atrás parece uma prisão.

Pepe passou por baixo da fita. O cimento estava rachado e coberto de gravilha. Por baixo, o bosque descia a pique em direção à cidade.

Vanessa apoiou o telemóvel num pequeno tripé. Experimentou o enquadramento, recuou, corrigiu-o. — Tu aqui. Eu no murete. Quando disser vai, olhas para o mar.

Pepe obedeceu no primeiro ensaio. No segundo, voltou-se para ela. Vanessa tinha o rosto cansado, sem o filtro do ecrã. O cabelo soltara-se-lhe sobre a testa.

— Não me enlouqueças precisamente hoje. — Agachou-se e ajeitou-lhe a coleira. — Em Milão vais estar bem. Têm um jardim grande.

As mãos estavam quentes. Por um instante, Pepe quis acreditar nela.

Vanessa subiu para o murete. O salto direito encontrou uma fenda firme; o esquerdo ficou junto à borda. Ergueu o telemóvel suplente e sorriu.

— Vai.

Pepe olhou para o mar.

Depois viu, ao lado do sapato dela, a chave da jaula de viagem. Caíra do bolso do casaco. Apanhou-a com os dentes e recuou.

— Larga-a.

Pepe deu outro passo.

Vanessa desceu do murete, mas a trela prendeu-lhe o pulso. — Pepe.

Ele correu para o lado oposto. A fita esticou-se entre as pernas dela. Vanessa perdeu uma bota, embateu no tripé e conseguiu agarrar a balaustrada com as duas mãos.

Ficou suspensa. O telemóvel caiu no bosque.

Pepe estava a menos de um metro. Se voltasse para junto dela, a trela deixaria de puxar. Vanessa conseguiria içar-se.

— Meu amor. — A voz já não dava ordens. — Vem cá.

Pepe ouvia os dedos a escorregar no cimento molhado. Deu um passo em frente.

Vanessa inspirou.

Pepe olhou para a chave entre os dentes, depois para o casquinho cor de areia que ainda vestia. Pensou na jaula pronta no táxi, no programa de reprodução, em Gennaro à espera junto de uma figueira crescida no muro.

Deu um passo atrás.

Os dedos de Vanessa cederam. Não gritou logo. O som chegou quando Pepe já estava debaixo da fita.

O taxista viu-o aparecer sozinho no largo, com uma chave entre os dentes e a trela a arrastar-se pela gravilha.

10. A chave vermelha

Alfredo abriu o boxe às sete e vinte. Já ligara a carrinha; o gásóleo queimado entrava no armazém com o ar frio.

Gennaro deixou que lhe pusesse o açaimo. O couro era rígido e cheirava a desinfetante. Lorenza segurava os documentos junto do escritório.

— A dose, depois de ele entrar — disse.

Alfredo prendeu a trela. — Eu é que decido.

Gennaro caminhou até à carrinha. O portão exterior estava aberto. Do outro lado da estrada, a ribeira corria em direção ao mar. Nada lhe barrava a passagem.

Alfredo puxou a trela para a rampa. Gennaro fincou as patas.

— Começamos bem.

A primeira pancada foi com a mão. A segunda, com o mosquetão. Quando Gennaro não subiu, Alfredo tirou do bolso a seringa já cheia.

Lorenza deu um passo. — Espera.

— Volta para dentro.

Alfredo baixou-se junto do flanco direito de Gennaro, à procura de um ponto entre as pregas da pele. A cicatriz contraiu-se debaixo dos dedos dele.

Gennaro podia ter corrido. O portão continuava aberto.

Em vez disso, voltou-se.

O açaimo bateu no pulso de Alfredo e a seringa caiu. Gennaro empurrou outra vez, torcendo o pescoço. A fivela lateral prendeu-se na manga e abriu-se. O couro escorregou para o chão.

Alfredo ficou imóvel durante um segundo, mais surpreendido do que assustado. Depois ergueu o mosquetão.

Gennaro agarrou-lhe o antebraço. Apertou até sentir o osso, largou-o e avançou para a garganta.

Lorenza gritou o nome dele, o verdadeiro, não o número.

— Gennaro!

Ele continuou até o corpo de Alfredo deixar de resistir.

O gasóleo da carrinha encobria o cheiro do sangue, mas não o suficiente. Os outros cães ladravam nos boxes, todos ao mesmo tempo, e o armazém parecia estremecer.

Gennaro levantou o focinho. Lorenza estava encostada à parede. Tinha as mãos diante da boca e a chave com o rebordo vermelho apertada no punho.

Durante alguns segundos, olharam um para o outro.

Ela apontou para o portão aberto.

Gennaro saiu sem correr. Atravessou a estrada, desceu ao longo da ribeira e desapareceu sob o viaduto.

Quando a polícia chegou, Lorenza disse que o açaim se partira. Não falou da seringa nem disse que o portão ficara aberto por mais de dez minutos.

11. A figueira no muro

Pepe demorou cinco horas a chegar ao Campasso.

Evitou as ruas principais, seguiu o cheiro dos carris e escondeu-se duas vezes debaixo de automóveis estacionados quando ouviu sirenes. O casaquinho rasgou-se numa rede. Deixou-o preso e prosseguiu, ainda com a coleira de diamantes ao pescoço.

O terminal era como Gennaro o descrevera: armazéns vazios, linhas férreas submersas pelas ervas e uma figueira crescida numa fenda do muro. Pepe entrou por uma abertura sob o portão e esperou.

Ao pôr do sol, ouviu passos pesados na gravilha.

Gennaro apareceu entre duas carruagens enferrujadas. Tinha sangue seco no focinho e coxeava da pata traseira. Pepe correu ao seu encontro e parou a poucos centímetros.

O cheiro dizia tudo.

Gennaro também cheirou a trela arrastada, a gravilha de Righi e o medo que permanecera no pelo de Pepe.

— Vieste — disse.

— Tu também.

Gennaro deitou-se atrás de uma pilha de travessas. Pepe lambeu-lhe o sangue da prega do focinho. Não perguntou de quem era. Gennaro não perguntou como Vanessa morrera.

Quando a escuridão cobriu o terminal, partilharam uma côdea de pão encontrada junto aos carris. Gennaro deixou a parte mole para Pepe.

— Podia ter ido embora — disse muito depois.

Pepe sabia de que momento falava. — Eu também podia ter voltado atrás.

— Voltaste?

— Dei um passo.

O comboio de mercadorias da noite passou para lá do muro. O chão vibrou sob os seus corpos.

— Lamentas? — perguntou Gennaro.

Pepe pensou nas mãos quentes de Vanessa, na voz com que dissera meu amor quando já não havia público. — Não o suficiente.

Gennaro apoiou o focinho nas patas. — Eu também não.

Dormiram debaixo da figueira, próximos, mas sem se tocarem. Antes do amanhecer, Pepe acordou e encontrou a cabeça de Gennaro a poucos centímetros da sua. Encostou-se ao flanco dele e voltou a fechar os olhos.

...

Ficaram no terminal durante três dias.

De dia, escondiam-se debaixo de um vagão de mercadorias sem rodas. À noite, procuravam água e comida junto dos armazéns. Gennaro conseguiu virar um caixote atrás de uma trattoria; lá dentro encontraram ossos, massa fria e um saco de biscoitos ainda fechado. Pepe arrastou o saco até ao abrigo e abriu-o, trabalhando a costura com os dentes.

No segundo dia, um jornal ficou preso na rede. Na primeira página estava o rosto de Vanessa. Pepe reconheceu a fotografia da viagem ao Dubai e o próprio focinho cortado ao meio na margem.

Por baixo, um título menor falava do criador morto em Bolzaneto.

Gennaro pousou uma pata no papel, tapando o nome de Alfredo.

— Os humanos pensam que tu o mataste — disse Pepe.

— Matei.

— Pensam que eu fugi com medo.

— É melhor para ti.

Pepe rasgou o pedaço com a fotografia de Vanessa. Levou-o para debaixo do vagão e encostou-o a uma pedra. Durante horas evitou olhar para ele. Ao pôr do sol, aproximou-se e cheirou o papel. O perfume dela desaparecera; havia apenas tinta e chuva.

— Quando estava triste, dormia com a mão fora da cama

— disse. — Eu metia-me debaixo da palma.

Gennaro ouviu.

— Eu podia tê-la salvado.

— Sim.

Pepe levantou os olhos, ferido pela simplicidade da resposta.

— Queres que diga o contrário? — perguntou Gennaro.

— Não.

O mastim afastou o jornal e deitou-se junto da fotografia. — Eu podia ter saído pelo portão. Voltei para ele.

— Porquê?

— Queria que tivesse medo, pelo menos uma vez.

Um rato atravessou os carris com um pedaço de plástico entre os dentes. Ao longe, um comboio apitou antes do túnel.

Pepe encostou-se ao flanco de Gennaro. — Teve?

— Teve.

— Vanessa também.

Ficaram junto da fotografia até a chuva dissolver a tinta. De manhã, o rosto dela transformara-se numa mancha cinzenta.

12. Duas cenas

O inspetor Carlo Rinaldi recebeu o processo de Alfredo Esposito às nove e o de Vanessa Crespi às onze e vinte.

O primeiro parecia simples. Um criador morto pelo próprio mastim durante um ataque; animal em fuga; mulher como testemunha. No segundo, ainda não havia crime: uma mulher caíra de um terraço interdito ao público, o seu chihuahua desaparecera.

Rinaldi tinha cinquenta e seis anos, uma secretária coberta de papel e o hábito de ler primeiro o que faltava. No depoimento de Lorenza faltava a razão para o portão estar aberto. No relatório de Righi faltava o corpo do cão.

O subinspetor Mancuso trouxe-lhe duas fotografias.

— São casos diferentes.

Rinaldi pô-las lado a lado. Numa, Gennaro posava junto de Alfredo diante da faixa do campo Monteverde. Na outra, Pepe estava ao colo de Vanessa diante da mesma faixa.

— Agora já um pouco menos.

Telefonou ao responsável pelo campo. Descobriu que os dois cães se tinham visto quatro vezes nos últimos dois meses, que num domingo tinham saído juntos pelo portão de serviço e que ambos deviam partir para Milão naquela manhã.

— Coincidências — disse Mancuso.

— Duas são coincidências. Cinco são uma pista.

À tarde, Rinaldi regressou ao miradouro. O cimento ainda conservava as marcas da polícia científica. Junto à

borda encontrou arranhões pequenos, quatro de cada vez, e um sulco na gravilha deixado pela trela.

Testou o comprimento da fita. Se o cão corresse na direção oposta enquanto Vanessa estava suspensa, aumentaria o peso no pulso. Se voltasse, aliviá-lo-ia.

— Acha que o fez de propósito? — perguntou Mancuso.

Rinaldi olhou para o bosque sob o terraço. — Acho que um acidente precisa de menos decisões.

À noite interrogou Lorenza. Ela repetiu a história do açaimo partido. Rinaldi pousou em cima da mesa a fotografia da seringa encontrada debaixo da carrinha.

— Era para o acalmar.

— E o portão?

— A carrinha tinha de sair.

— O cão podia ter fugido antes de atacar o seu marido.

Lorenza baixou os olhos. — Sim.

Rinaldi fechou o bloco. Dois cães tinham tido uma saída. Ambos tinham feito uma escolha antes de a usar.

• • •

Reconstruiu as últimas oito semanas numa parede do gabinete. Fotografias, registos telefónicos, recibos do campo, percursos das carrinhas. Ao centro pôs a imagem da exposição regional: Vanessa erguia Pepe com a roseta azul; ao fundo, quase desfocado, Gennaro estava preso a um poste.

Telefonou à maquilhadora que trabalhara com Vanessa.

— Pepe era o trabalho dela — disse a mulher. — Mas também era a família.

— Ela tencionava cedê-lo?

— Precisava do contrato. Dizia que dois meses não eram nada.

— Para o cão?

A maquilhadora hesitou. — Para ela.

Um antigo funcionário de Alfredo contou os acasalamientos forçados, os medicamentos usados sem receita e a morte de uma cria durante o transporte. Deixara o centro depois de ver Alfredo bater em Gennaro com um tubo de borracha.

— Porque não denunciou? — perguntou Mancuso.

— Porque me pagava por fora. Porque precisava. Escolha a resposta de que gosta mais.

Quando o homem saiu, Mancuso ficou diante da parede. — Se os encontrarmos, o que fazemos?

— Apanhamo-los.

— Não era isso que eu queria dizer.

Rinaldi tirou a fotografia da exposição e observou-a de perto. Pepe, ao alto, olhava para lá do ombro de Vanessa. Seguindo a direção dos olhos, chegava-se ao mastim.

— Primeiro apanhamo-los — repetiu. — Depois descobrimos o que estamos autorizados a ver.

13. A via morta

As câmaras da cidade encontraram Pepe três vezes: no corso Firenze, sob o viaduto de Di Negro, perto de uma passagem inferior ferroviária. Gennaro apareceu numa única gravação, ao longo do Polcevera. As trajetórias convergiam para o Campasso.

Rinaldi entrou no terminal com seis agentes e dois técnicos de captura de animais. Mandou desligar as sirenes três quarteirões antes.

Os cães ouviram-nos na mesma.

Pepe acordou antes de o primeiro homem atravessar o portão. Gennaro cheirou o ar e indicou o lado norte, onde o muro era mais baixo.

— Três à frente — disse. — Outros atrás.

— Como sabes?

— Têm medo de maneiras diferentes.

Correram por entre os vagões. Os agentes fecharam a passagem principal com redes telescópicas. Rinaldi avançava pelo centro, sem bastão nem luvas, e observava os lugares onde um animal pequeno procuraria abrigo.

Pepe viu-o ajoelhar-se diante do buraco sob uma carruagem.

— Não vás por ali — disse a Gennaro. — Está à nossa espera.

Mudaram de direção. Gennaro empurrou uma chapa encostada ao muro e abriu uma passagem. Pepe passou; Gennaro ficou entalado pelos ombros. Os homens aproximavam-se.

— Vai — disse.

Pepe voltou atrás, agarrou a pele solta da face e puxou. Gennaro rodou o corpo, deixando tufos de pelo no metal, e conseguiu sair.

Rinaldi chegou a tempo de os ver descer juntos para o canal de escoamento.

— Parem! — gritou, sabendo que não serviria de nada.

Pepe voltou-se. Durante um instante, os olhos dos dois encontraram-se. Rinaldi não viu neles o pânico cego da fuga. O cão calculava a distância, o número de homens e o tempo de que o outro precisava para desaparecer.

Depois seguiu Gennaro para a escuridão.

Os agentes recuperaram a coleira de diamantes, perdida junto da chapa, e duas pegadas sobrepostas na lama.

— Protegem-se um ao outro — disse Mancuso.

Rinaldi meteu a coleira num saco. — E aprendem.

14. A doutora Ferretti

Elena Ferretti trabalhava com cães agressivos havia vinte anos e detestava quem usava a palavra mau num relatório clínico. Recebeu Rinaldi na sala de exames do centro de saúde animal de Begato, entre um cartaz sobre profilaxia e um armário de medicamentos.

Viu duas vezes as imagens do terminal.

— O pequeno identifica a armadilha. O mastim abre uma passagem. Depois o pequeno volta para o libertar.

— Planeamento?

— Cooperação. O planeamento é mais difícil de demonstrar.

Rinaldi mostrou-lhe as cenas das duas mortes.

Ferretti leu em silêncio. — Quer que eu lhe diga que são inocentes porque são cães.

— Quero saber se podem escolher.

— Escolhem continuamente. Nós preferimos chamar-lhe instinto quando a resposta nos perturba.

— Então podem matar com intenção.

— Podem morder, prender, largar. O resto é uma palavra jurídica.

Rinaldi levantou-se. — Se os apanharmos, quero-os separados.

— Porquê?

— Juntos são mais perigosos.

Ferretti fechou o processo. — Ou têm menos medo.

— Acabou de ver dois mortos.

— Também vi uma seringa, uma cicatriz reaberta e um contrato de reprodução. Não confunda explicação com absolvição, inspetor.

Rinaldi ficou parado à porta. — Nunca confundo.

Era verdade. O problema dele era o contrário: quando encontrava uma explicação, seguia-a até a transformar em prova.

15. A captura

Durante quatro dias, Pepe e Gennaro viveram nos canais sob a linha férrea. Saíam à noite, bebiam nas fontes e comiam o que encontravam atrás dos mercados. A ferida na pata de Gennaro piorava.

Rinaldi mandou fechar os acessos um a um. Não usou comida envenenada nem cães de presa. Estudou os mapas hidráulicos e deixou um único percurso aberto: o túnel que conduzia ao antigo terminal de mercadorias.

À saída colocou uma caixa de transporte com uma manta retirada do boxe de Gennaro e, ao lado, o casaquinho rasgado de Pepe. Nenhum isco alimentar. Apenas os cheiros daquilo que tinham perdido.

Pepe sentiu-os a cinquenta metros.

— É ele — disse Gennaro. — O homem do terminal.

— Eu sei.

Podiam ter voltado para trás, mas a pata de Gennaro não aguentaria outra noite na água. Pepe avançou primeiro.

O recinto parecia vazio. Rinaldi esperava dentro de uma carrinha com o motor desligado; os agentes estavam escondidos para lá dos muros. Quando os cães chegaram ao centro, dois portões metálicos desceram, um atrás deles e outro à frente.

Gennaro pôs-se diante de Pepe. Rosnou.

Rinaldi saiu sozinho. Pousou o laço no chão e levantou as mãos.

— Acabou.

Pepe reconheceu a voz. Era a que gritara no terminal. Colocou-se ao lado de Gennaro, não atrás.

Ferretti surgiu do lado oposto com uma zarabatana anestésica. — Não me obriguem.

Gennaro olhou para a pata inchada e depois para Pepe. — Se correr, disparam.

— Se ficares, separam-nos.

— Voltamos a encontrar-nos.

Pepe pressionou o flanco contra o dele.

O dardo entrou na coxa de Gennaro. Pepe ladrrou e lançou-se para Ferretti, mas Rinaldi cobriu-o com uma manta antes que chegasse. Debateu-se, mordeu tecido e ar, depois ouviu o corpo de Gennaro cair no cimento.

Parou.

Rinaldi pegou-lhe sem o apertar. Pepe levantou o focinho e olhou para ele a poucos centímetros de distância. — Tu sabes porque estamos aqui — disse Rinaldi.

Pepe não podia fazer-se entender por ele. Lambeu-lhe devagar o dorso da mão, no sítio onde o cheiro da manta de Gennaro permanecera na pele.

Rinaldi retirou a mão.

Foi o primeiro erro que Pepe o viu cometer.

PARTE III

O CANIL DE FERRO

16. Sob custódia

O Canil de Ferro não aparecia nos mapas com esse nome. Nos documentos era a ala judicial do centro de saúde animal de Begato, um edifício construído nos anos setenta e remodelado o suficiente para mudar as portas, mas não o cheiro.

Pepe acordou num boxe de quatro metros por dois. Paredes laváveis, grade à frente, cama de plástico. Não tinha coleira. Na parede oposta, uma câmara exibia um ponto vermelho.

Chamou por Gennaro.

A voz saiu como uma sequência de latidos agudos. Ninguém respondeu.

Tentou de novo, depois parou para não oferecer o pânico à câmara.

Gennaro estava quarenta metros mais a sul, num boxe reforçado. Ferretti drenara-lhe a infeção da pata e suturara um corte deixado pela chapa do terminal. O sedativo ainda o mantinha a meio caminho entre o sono e a vigília.

Quando abriu os olhos, Rinaldi estava sentado do outro lado da grade.

— O pequeno está bem — disse.

Gennaro levantou o focinho.

Rinaldi levava uma pasta, mas não a abriu. — A doutora diz que percebes muitas palavras. Vamos ver.

Pousou duas fotografias no chão: Alfredo junto da carrinha; Vanessa no miradouro. Gennaro olhou para a primeira e depois para a segunda. Não se aproximou.

— Mortos.

As orelhas de Gennaro não se mexeram.

— Pepe.

Desta vez, a respiração mudou.

Rinaldi viu. — Muito bem. Começamos aqui.

O mandado permitia manter os cães como provas vivas e indivíduos perigosos. Não havia uma acusação possível, mas havia protocolos para animais envolvidos em mortes humanas. Se a comissão declarasse Gennaro irrecuperável, seria abatido. Pepe podia ser entregue a outra instituição ou devolvido aos herdeiros de Vanessa.

Rinaldi não lhe explicou. Disse apenas: — Separados são dois casos. Juntos são uma história. E as histórias deixam vestígios.

Gennaro baixou a cabeça para a cama.

Naquela noite, Pepe ouviu um ruído no tubo de escoamento: duas pancadas, uma pausa, outras duas.

Não era Gennaro. Era o batimento irregular de uma bomba.

Pepe ouviu-o até de manhã e começou a aprender-lhe o ritmo.

No dia seguinte descobriu que, no Canil de Ferro, o tempo tinha rodas de borracha. Chegava às seis com o carrinho da água, às sete com o das tigelas, às nove com a maca das colheitas. Entre uma passagem e outra ficavam o zumbido dos néones e a respiração dos animais fechados nos boxes.

Uma tratadora de cabelo rapado, Marta, pôs-lhe à frente ração e uma tigela de água. Não tentou acariciá-lo. Anotou que ele não comia, mudou o resguardo e saiu. Pepe

esperou até o ruído das chaves se afastar, depois empurrou um croquete para o centro do boxe e colocou-se diante da câmara.

Comeu-o sem baixar os olhos.

Na ala sul entravam dois tratadores no boxe de Gennaro. Enfiavam-lhe o açaimé através da grade, abriam o ferrolho e deslocavam-no com uma haste munida de laço. Gennaro deixava-os fazer até puxarem pela pata ferida. Então imobilizava-se. Não rosnava; fincava o peso no chão e obrigava os homens a decidir se o arrastariam diante das câmaras.

No segundo dia, Ferretti tirou a haste das mãos de um tratador.

— Abre e pronto.

— Doutora, as ordens dizem dupla contenção.

— As ordens também dizem para não rebentar os pontos.

Entrou sozinha, sentou-se na cama oposta e pousou o material entre os joelhos. Gennaro deixou-a mudar o penso. Rinaldi acompanhou a cena da sala dos monitores: onze minutos sem um gesto de ameaça, depois o mastim a deslocar-se para cobrir com o corpo a grelha de escoamento.

— Tem alguma coisa ali por baixo? — perguntou Mancuso.

Rinaldi ampliou a imagem. — Não. Quer que pensemos que sim.

No monitor ao lado, Pepe dormia com o focinho voltado para a parede. Quando Marta passou à frente do boxe sul a empurrar o carrinho dos pensos, o chihuahua abriu os olhos antes mesmo de a mulher entrar no corredor norte.

Rinaldi mandou sincronizar os horários das duas câmaras. Pepe levantava-se sempre que Gennaro recebia tratamento. Gennaro recusava a comida até ouvir o carrinho sair da ala de Pepe. Não se podiam ver e nenhum deles ladrava.

— As canalizações — disse Rinaldi.

Mancuso inclinou-se sobre a mesa de controlo. — Acha que comunicam?

— Acho que estão a contar.

Mandou isolar os canais de áudio e ordenou que mudassem a hora das refeições. Era um teste e uma pressão. Durante vinte e quatro horas, os carrinhos passaram numa ordem aleatória; as portas foram abertas fora dos horários; um rádio ficou ligado no corredor sul. Pepe não dormiu. Gennaro virou a tigela sem tocar na comida.

À noite, Ferretti encontrou Rinaldi diante dos monitores.

— Está a desorientá-los.

— Estou a testar uma capacidade.

— A capacidade de terem medo quando as regras mudam?

Rinaldi apontou para Pepe, imóvel sob o ponto vermelho da câmara. — A capacidade de se coordenarem sem contacto. Se existe, o encontro no terminal não foi obra do acaso.

— E, se o demonstrar?

— Sei o que procuro.

Ferretti pousou na mesa o relatório da pata de Gennaro. — Lembre-se de que eles também sabem.

Nessa noite, Rinaldi repôs os horários. Às sete, o mastim comeu. Às sete e quatro, Pepe esvaziou a sua tigela.

Rinaldi imprimiu as imagens e juntou-as ao processo.

17. As coisas que faltam

Rinaldi regressou ao apartamento de Vanessa quando o corpo ainda não fora entregue à família. Em cima da mesa encontrou o contrato de Milão, a mala de Pepe e uma pasta com os recibos dos últimos oito anos.

O cão pagara tudo: renda, viagens, automóvel, as dívidas de uma empresa fechada duas vezes e reaberta com outro nome. Numa caixa debaixo da cama havia, porém, os relatórios veterinários ordenados por data, as radiografias, um dente de leite embrulhado em papel e centenas de fotografias nunca publicadas. Pepe a dormir. Pepe doente, com uma manta na cabeça. Pepe numa cozinha desarrumada, sem laço nem coleira.

Mancuso pegou numa delas. — Ela gostava dele.

— Não basta para excluir o resto.

— O resto, o quê?

Rinaldi apontou para as faturas. — Dependência. Propriedade. Medo de perder a fonte.

No telemóvel de Vanessa encontraram o vídeo incompleto do miradouro. O enquadramento mostrava o murete, as pernas dela, Pepe a apanhar a chave. Depois o tripé caía e ficava apontado para o céu. O som continuava.

A voz de Vanessa dizia meu amor. Seguiam-se quatro segundos de gravilha, uma respiração e o ruído da trela tensa. Depois, o vazio.

Rinaldi ouviu três vezes. Na quarta, desligou.

No armazém de Alfredo, Ferretti fotografou as cicatrizes dos outros cães e os medicamentos sem registo.

Lorenza entregou a chave vermelha e os cadernos dos acasalamientos.

— Porque mentiu? — perguntou Rinaldi.

— Porque o meu marido estava morto.

— E o cão?

Lorenza olhou para os boxes. — Ele estava vivo.

— Podia tê-lo impedido de sair.

— Sim.

— Podia ter aberto antes.

Lorenza demorou mais a responder. — Sim.

Rinaldi saiu do armazém com um processo mais grosso e uma certeza menos cómoda. Os cães tinham matado. Os humanos tinham preparado durante muito tempo o lugar onde essa escolha se tornara possível.

Não mudava os mortos. Mudava a forma de os olhar.

18. Avô Lama

No boxe ao lado de Pepe vivia um rafeiro velho, negro onde ainda tinha pelo e cinzento no focinho. Tinha um olho baço e uma tosse que começava todas as noites depois de as luzes se apagarem.

— Se continuares a olhar para o tubo, mais cedo ou mais tarde ele responde-te — disse.

Pepe aproximou-se da parede. — Quem és tu?

— Aqui chamam-me Lama. Lá fora tinha outro nome, mas ninguém se lembra.

— Sabes onde fica a ala sul?

— Depois da enfermaria e do armazém. Quatro portas.

— Está lá um mastim.

— O que não come?

Pepe sentiu o estômago contrair-se. — Há quanto tempo?

— Desde que o trouxeram.

Esperou pela passagem do carrinho da noite. O tubo de escoamento corria sob todos os boxes e ligava a uma caleira central. Pepe enfiou o focinho na grelha e ladrou uma vez, o mais baixo que conseguiu.

O som viajou pelo metal.

Do fundo chegou uma pancada surda.

Pepe ladrou duas vezes.

Duas pancadas responderam.

Gennaro.

A partir daí falaram com um código pobre. Um latido significava presença. Dois, perigo. Três, noite. Gennaro usava a pata contra a grelha; Pepe respondia com a voz. As

frases compridas não passavam, mas ainda não eram necessárias.

Lama ouvia-os. — A grelha central levanta quando chove muito. A água do recinto entra aqui por baixo.

— Onde vai dar?

— Fora da vedação. Uma vez consegui lá chegar.

— Porque voltaste?

Lama tossiu e depois deitou-se. — Tinha mais medo do mundo do que do boxe.

Pepe olhou para o retângulo de céu além da grade. — Eu já experimentei os dois.

Nos dias seguintes, estudou os turnos. Às seis, limpeza; às sete, comida; às vinte e duas, ronda. O guarda noturno abria o armazém com um cartão, deixava o carrinho no corredor e fumava durante seis minutos junto da porta de emergência. Durante esses seis minutos, a porta da enfermaria ficava fora do campo de visão.

Gennaro, do outro lado, começou a trabalhar na grelha de escoamento. Não escavava. Todas as noites mordia o mesmo ponto enferrujado e escondia o sangue das gengivas bebendo logo a seguir.

19. O teste

No quinto dia, Rinaldi mandou levar Pepe para a sala de exames. Ferretti colocara no chão três recipientes idênticos. Um continha comida, outro a manta de Gennaro, o último estava vazio.

— Isto não é um número de circo — disse ela.

— Não. Nos circos, o público já conhece a resposta.

Pepe entrou e cheirou o ar. Viu Rinaldi por detrás do vidro. Percebeu que o observavam e dirigiu-se imediatamente ao recipiente vazio. Sentou-se.

Ferretti não conseguiu esconder um sorriso. — Está a recusar a pergunta.

Rinaldi entrou. Tirou a tampa ao recipiente com a manta e empurrou-o para Pepe.

— Gennaro.

Pepe não se mexeu.

— Se colaborares, deixo-vos verem-se.

A promessa tinha um cheiro falso. Pepe olhou para a porta atrás de Rinaldi, para o cartão magnético preso à cintura, para as solas molhadas. Lá fora chovia.

Rinaldi pousou na mesa o relatório da comissão. — Amanhã decidem sobre o mastim. Perigosidade elevada. Possível eutanásia.

Pepe saltou. Não para a manta: para o pulso de Rinaldi. Parou antes de morder, com os dentes a um centímetro da pele.

Na sala, ninguém respirou.

Depois Pepe desceu e voltou a sentar-se diante do recipiente vazio.

Rinaldi olhou para o próprio pulso. — Podia tê-lo feito.
— Escolheu não o fazer — disse Ferretti.
— Ou percebeu que pioraria a sua situação.
— Continua a ser uma escolha.

Rinaldi voltou a meter o relatório na pasta. Obtivera a prova que procurava e não gostava dela. Intenção significava responsabilidade, mas tornava impossível continuar a tratá-los apenas como coisas.

No corredor, cruzou-se com o diretor do centro.
— O Ministério Público quer encerrar isto depressa. O mastim é indefensável.
— Esperem pelo meu relatório.
— Desde quando é que um inspetor escreve relatórios sobre cães?

Rinaldi olhou através do vidro. Pepe cheirava a manta de Gennaro, finalmente sozinho.
— Desde que os cães apagam as respostas erradas.

A comissão reuniu-se na manhã seguinte, numa sala sem janelas. Estavam presentes o diretor clínico, uma veterinária do serviço regional, um consultor comportamental ligado à distância e o funcionário do Ministério Público que pedira uma decisão rápida. Ferretti estava sentada ao fundo, sem direito de voto. Rinaldi ocupava o lugar ao lado do ecrã.

Mostraram primeiro o vídeo do armazém: Gennaro podia ter passado por Alfredo e, em vez disso, voltava para ele. Depois o som do miradouro, a trela tensa, o vazio. Rinaldi apresentou os gráficos dos turnos alterados e as imagens dos dois cães a reagirem à distância.

— Planeiam — concluiu o funcionário. — Isto agrava o risco.

— Demonstra aprendizagem — disse Ferretti.

— Doutora, o mastim matou um homem.

— Depois de quatro anos de maus-tratos documentados.

O consultor perguntou a Rinaldi se considerava possível uma reincidência. Ele olhou para a fotografia de Alfredo em cima da mesa. Perseguiu os cães para atribuir uma direção precisa a cada gesto; agora essa precisão podia tornar-se a razão para os abaterem.

— Se forem separados, contidos à força ou devolvidos às condições anteriores, sim.

Ferretti voltou-se para ele. O funcionário registou apenas a última palavra.

A votação foi de três contra um a favor do abate de Gennaro. Quanto a Pepe, adiaram: avaliação neurológica, depois entrega aos herdeiros legítimos. A ordem tornar-se-ia executória após a validação do magistrado, prevista para dali a quarenta e oito horas.

— Quero concluir a reconstituição antes da execução — disse Rinaldi.

— Já tem dois mortos e dois animais perigosos — respondeu o funcionário. — O que lhe falta?

— A razão por que ficaram juntos.

Conseguiu um dia, não dois.

Ao sair, Ferretti alcançou-o nas escadas. — Acabou de dar ao Ministério Público o argumento que procurava.

— Dei uma resposta verdadeira.

— E agora, o que vai fazer com o tempo que pediu?

Rinaldi parou. — O meu trabalho.

No boxe norte, Marta mudou a tigela e falou com Pepe sem saber que era ouvida.

— Amanhã, a esta hora, levam o teu amigo.

Pepe continuou a olhar para o tubo. Quando a tratadora saiu, ladrou três vezes.

Da ala sul chegaram três pancadas.

20. A água

A chuva começou à tarde e, às nove da noite, já enchera as caleiras do recinto. A água entrava por baixo das portas, arrastando folhas e terra.

Pepe ouviu a bomba mudar de ritmo. O batimento irregular que aprendera na primeira noite tornou-se contínuo e depois parou.

Do tubo chegaram três pancadas.

Noite.

Pepe respondeu com dois latidos. Perigo.

O guarda empurrou o carrinho pelo corredor norte. Tinha pressa e praguejava por causa dos escoamentos. Abriu o boxe de Pepe para mudar a manta molhada. Pepe encostou-se à parede, tremendo o suficiente para parecer inofensivo.

O guarda baixou-se. — Anda cá, pulga.

Pepe passou-lhe por baixo do braço, saltou para a prateleira inferior do carrinho e escondeu-se entre dois sacos de roupa. O guarda fechou o boxe vazio sem verificar e voltou a empurrar.

No armazém, deixou o carrinho, abriu a porta de emergência e saiu para fumar sob a cobertura.

Seis minutos.

Pepe desceu. Atravessou a enfermaria seguindo o cheiro de Gennaro. O cartão ficara inserido no leitor para manter a porta do armazém aberta. Pepe agarrou a fita com os dentes e arrastou-o.

A porta sul não tinha maçaneta interior, apenas um leitor baixo e uma placa. Durante os exames, vira os humanos encostarem o cartão e empurrarem.

Ergueu-o entre os dentes. A luz passou do vermelho ao verde.

Na ala sul, Gennaro arrancara o primeiro parafuso da grelha. A água subia-lhe até aos tornozelos. Os outros cães ladravam, assustados com a trovoada.

Pepe chegou diante do boxe. O ferrolho estava demasiado alto.

— Para trás — disse Gennaro.

Atirou todo o peso contra a grade. Uma vez. A sutura da pata abriu-se. À segunda pancada, a moldura vergou. À terceira, saiu da parede com pedaços de reboco.

Pepe correu para ele. Gennaro cobriu-o com o pescoço por um instante e depois olhou para o corredor.

— Quantas portas?

— Quatro.

Atrás deles, o guarda deitou fora o cigarro e voltou a entrar.

21. A porta vermelha

A primeira porta abriu-se com o cartão. A segunda já estava destrancada por causa do alarme hidráulico. Na terceira, a luz manteve-se vermelha.

Pepe tentou de novo. Nada.

Atrás deles, o guarda gritou. O alarme começou com um som pulsante, diferente do da trovoadas.

Gennaro cheirou o rebordo da porta. — Dobradiças.

Pôs-se de lado e empurrou com o ombro. O metal não cedeu, mas a moldura vibrou. Pepe viu uma alavanca de incêndio dentro de um nicho protegido por plástico. Saltou para o parapeito, partiu a tampa com os dentes e baixou a alavanca usando todo o peso do corpo.

As fechaduras magnéticas destrancaram-se.

— Agora — disse.

Atravessaram a enfermaria. Ferretti chegara do corpo central com uma lanterna. Viu-os sair do corredor sul, cobertos de água e sangue.

Pepe parou.

Ela podia ter fechado a porta vermelha que dava para o pátio. Já tinha a mão na maçaneta.

— Não me obriguem a mentir — disse.

Abriu.

Lá fora, a chuva apagava o limite entre o recinto e o céu. Gennaro passou primeiro. Pepe seguiu-o e depois voltou-se para Ferretti.

A doutora permanecera sob a luz da enfermaria. Só carregou no botão de alarme quando eles chegaram à vedação exterior.

O portão principal estava fechado. Gennaro correu para o ponto onde a água saía do recinto por uma grelha de escoamento. O parafuso central estava levantado pela pressão.

Puxaram juntos. A grelha abriu o suficiente para Pepe, não para Gennaro.

— Vai.

Pepe entrou no canal, voltou-se e agarrou a pele do focinho de Gennaro. — Desta vez, não.

O mastim enfiou primeiro um ombro, depois a cabeça. O ferro rasgou-lhe o flanco ao longo da cicatriz antiga. Empurrou até o corpo passar.

Atrás deles, acenderam-se os projetores do recinto.

O canal arrastou-os sob a vedação e cuspiu-os no bosque.

22. A ponte dos vivos

Rinaldi chegou ao Canil de Ferro onze minutos depois do alarme. Ferretti mostrou-lhe o cartão molhado, a moldura vergada e o sangue na grelha.

— Deixou-os sair?

— Abri uma porta durante uma emergência.

— Com dois animais sob custódia do outro lado.

— Com dois seres vivos do outro lado.

Rinaldi não respondeu. Mandou vigiar os cursos de água e as estações. Depois pegou no próprio automóvel e desceu em direção ao vale do Polcevera.

Sabia para onde iriam. Os cães regressam aos cheiros que associaram à salvação; Pepe e Gennaro só tinham um lugar assim.

No Campasso, encontrou o terminal vazio. Sob a figueira, a terra conservava a forma de dois corpos que tinham dormido juntos. Pegadas recentes saíam para sul.

Alcançou-os perto de uma ponte pedonal sobre a ribeira. A cheia batia contra os pilares e abafava o ruído dos automóveis.

Pepe já estava do outro lado. Gennaro, ferido, avançava pelas tábuas molhadas.

Rinaldi saiu do automóvel. Trazia a pistola, mas não a sacou.

— Gennaro.

O mastim parou. Era a primeira vez que Rinaldi usava o nome dele.

Pepe recuou três passos.

— Não faças isso — disse Gennaro.

— Não te deixo.

Rinaldi avançou pela ponte. — Se vierem comigo, posso impedir que disparem contra vocês.

Pepe ladrou. Na sua voz estavam o boxe, o relatório da comissão e o dardo na coxa de Gennaro.

Rinaldi só percebeu a recusa.

Um farol apareceu na estrada atrás dele. As patrulhas aproximavam-se. Gennaro voltou a avançar. Uma tábua cedeu sob a pata ferida e o corpo escorregou para o lado.

Pepe agarrou-lhe a face. Rinaldi chegou à beira e, durante um instante, podia ter agarrado Gennaro pela coleira de couro que ainda lhe restava ao pescoço.

Estendeu a mão.

Gennaro olhou para ele. Não havia súplica. Apenas a pergunta que Rinaldi evitara desde o primeiro dia: o que faria agora que compreendera?

Rinaldi agarrou a tábua em vez da coleira e estabilizou-a com o peso.

Gennaro voltou a subir. Pepe arrastou-o para a outra margem.

Quando as patrulhas chegaram, Rinaldi estava sozinho na ponte.

— Onde estão? — gritou Mancuso. — Foram levados pela corrente. — Rinaldi mentiu para lhes dar tempo.

PARTE IV

UMA CASA

23. As raparigas da passagem inferior

A passagem inferior de Certosa cheirava a bolor, ferro e urina velha. Pepe e Gennaro chegaram ao amanhecer, seguindo a faixa seca deixada pelo muro. O mastim perdia sangue pelo flanco; a cada dez passos parava e apoiava menos peso na pata tratada.

Pepe encontrou um cartão dobrado atrás de uma coluna e arrastou-o até ele. Gennaro deitou-se sem protestar, sinal de que a dor era pior do que deixava transparecer.

— Vou procurar comida.

— Não.

— Não consegues andar.

— Reconhecem-te a três bairros de distância.

Pepe olhou para o próprio corpo. Sem casaquinho nem coleira, era apenas um chihuahua sujo, mas sabia que Gennaro tinha razão. O seu focinho aparecia nos noticiários e nas fotografias partilhadas pelo campo de treino canino.

Ficaram escondidos até à noite. Os comboios passavam por cima das suas cabeças e faziam cair pó do teto. Uma mulher deixou uma embalagem de comida para gatos junto ao muro; Pepe dividiu-a com Gennaro, que comeu dois pedaços e parou.

Na segunda noite chegaram duas raparigas.

Uma tinha o cabelo ruivo mal apanhado, sapatilhas molhadas e um saco de pano cheio de livros. A outra vestia um blusão preto e segurava uma lanterna médica. Pararam a alguma distância.

— São eles — disse a do blusão.

— Nina...

— Olha para o flanco do mastim.

Gennaro ergueu a cabeça. Pepe colocou-se à frente dele, ridículo e decidido, com os dentes à mostra.

A ruiva agachou-se. — Não vos tocamos. — Pousou no chão um saco aberto. Frango cozido, sem tempero. — Mas isto podem comer.

Pepe cheirou. As mãos dela sabiam a papel, grafite e sabão. As de Nina cheiravam a látex, desinfetante e muitos animais diferentes.

— Trabalha numa clínica — disse a Gennaro.

— Eu sinto.

Nina iluminou o chão, não os olhos dele. — A ferida está aberta. Se ficar aqui, entra em septicemia.

— Se chamarmos alguém, levam-nos — disse Mara.

— Não disse para chamares.

Tirou o blusão, estendeu-o no chão e colocou em cima compressas, uma garrafa de soro fisiológico e uma ligadura. Depois sentou-se de pernas cruzadas e esperou.

Gennaro olhou para Pepe. — Se nos traírem, tu foges.

— Já discutimos essa parte.

Pepe pegou num pedaço de frango e voltou para junto dele. Gennaro levantou-se com dificuldade, percorreu a distância até Nina e deitou-se no blusão.

Ela limpou-lhe a ferida sem usar aquela voz infantil com que muitos humanos falam. Quando Gennaro se retesava, parava. Quando a respiração voltava ao normal, recomeçava.

Mara deu o frango a Pepe, um fragmento de cada vez.

— No jornal dizem que vocês mataram — sussurrou.

Pepe deixou de mastigar.

Mara não retirou a mão. — No jornal dizem muitas coisas.

Terminada a ligadura, Nina voltou a guardar o material no saco. — Não pode ficar aqui.

— Em nossa casa?

— Uma noite.

Mara olhou para ela. — Claro.

— Eu disse uma.

Gennaro tentou levantar-se. Nina passou-lhe uma manta por baixo do abdómen para o sustentar. Mara pegou em Pepe ao colo, mas ele debateu-se e desceu. Caminhou ao lado de Gennaro até ao automóvel.

Não havia jaula à espera deles na bagageira. Os bancos traseiros estavam rebatidos e cobertos por um edredão velho.

Subiram juntos.

24. A noite em que nada aconteceu

A casa ficava no rés do chão de um edifício baixo, atrás de um portão verde. No pátio crescia uma oliveira demasiado grande para o espaço que tinha, e as raízes levantavam dois mosaicos junto ao muro.

Nina abriu a porta de serviço para evitar as escadas da entrada. Gennaro entrou primeiro, cheirando o chão, os aros das portas e o ar. Pepe seguia-o a meio metro.

A casa tinha a desarrumação de quem vive realmente nela: sapatos junto à porta, livros abertos com as páginas viradas para baixo, duas chávenas diferentes em cima da mesa. No sofá bege havia uma manta de lã gasta. Nenhuma trela pendurada na parede.

— Primeiro lavamo-lo — disse Nina. — Depois, antibiótico.

Gennaro olhou para ela e depois para a banheira visível ao fundo do corredor. Fincou as patas.

Pepe entrou na casa de banho e saltou para o tapete. Passara anos entre champôs de lavanda, secadores profissionais e óleos abrilhantadores. Era um território conhecido.

Mara encheu uma bacia com água morna e levou-a para a sala. Nina lavou Gennaro ali, sem o obrigar a entrar na banheira. A lama escorreu para a lona em faixas negras. Quando chegou à cicatriz do flanco, o mastim contraiu os músculos.

— Vou parar — disse Nina.

Esperou que fosse ele a aproximar-se da mão dela.

Pepe, já seco, estava sentado no sofá. Ninguém lhe dissera para descer. Mara pegou na manta e cobriu-o.

Durante anos dormira em camas mais caras do que aquela casa, mas nunca ninguém o cobrira sem primeiro o arranjar para uma fotografia. Baixou a cabeça sobre as patas e acompanhou com os olhos o trabalho de Nina.

Gennaro não subiu para o sofá. Deitou-se no chão, com as costas encostadas à base e o focinho virado para a porta de entrada. A posição de quem só dorme se puder vigiar a saída.

Mara sentou-se no chão junto dele e abriu um livro. Leu em voz baixa, não para o entreter: para encher a sala com um ruído que não exigia nada.

Nina preparou duas tigelas com arroz, frango e água. Gennaro esperou que Pepe comesse. Depois comeram lado a lado.

— Amanhã temos de decidir — disse Nina da cozinha.

Mara continuou a ler. — Sim.

— Não podemos mantê-los escondidos.

— Eu sei.

— A polícia procura-os.

Mara virou a página. — Isso também sei.

O tom não era de desafio. Era a maneira como falavam quando ambas já tinham escolhido e só receavam dizê-lo primeiro.

Mais tarde apagaram as luzes e deixaram aberta a porta do quarto. Pepe deu três voltas à sala. Verificou o corredor, a casa de banho, a janela e a porta do pátio. Gennaro não saiu do lugar.

Passou uma motorizada. O frigorífico ligou-se. No andar de cima, alguém arrastou uma cadeira. Cada ruído

fazia uma orelha erguer-se, mas não chegaram passos no pátio, chaves na fechadura ou ordens.

Pepe desceu do sofá e deitou-se ao lado de Gennaro. Deixou entre os dois uma distância igual à largura de uma pata.

A meio da noite essa distância já não existia.

Nada mais aconteceu. Ninguém entrou. Ninguém os separou. Nenhuma mão os acordou.

De manhã, Mara encontrou-os ainda a dormir e fez café sem ligar o rádio.

O primeiro problema foi o soalho.

Gennaro voltou do pátio com terra húmida entre as almofadas plantares e deixou uma fila de pegadas até à cozinha. Ao tentar virar-se, a pata ligada escorregou; uma unha riscou uma tábuia com um som seco.

Nina voltou-se do lava-loiça.

Gennaro encolheu-se. O movimento foi imediato: cabeça baixa, cauda contra o ventre, olhos fixos na mão dela. Pepe, no sofá, reconheceu a postura. Nos camarins assumia-a sempre que sujava uma peça de roupa ou derrubava um produto.

Nina olhou para o risco. Pegou num pano, limpou as pegadas e mediu com os olhos o espaço entre a porta e a tigela.

— Precisamos de uma passadeira — disse a Mara.

Gennaro continuou imóvel.

Mara chegou com uma toalha. — Posso?

Esperou. Gennaro ergueu uma pata, depois a outra, deixando-a limpar a lama. Quando ela terminou, foi

examinar o chão e cheirou demoradamente o sulco deixado pela unha.

— Fica — disse Pepe.

Gennaro deitou-se por cima do risco.

Nessa noite, Nina regressou com uma passadeira que recuperara da cave da clínica. Era verde, desbotada ao centro e curta por meio metro. Estendeu-a sobre o percurso das pegadas. Gennaro experimentou-a uma vez para a frente e outra para trás, depois enroscou-se no ponto que ficava por cobrir.

Pepe descobriu, por sua vez, o quadrado de sol que se formava às onze junto à porta envidraçada. No primeiro dia chegou quando já desaparecera. No segundo esperou por ele com antecedência. Mara reparou que a almofada do sofá ficava vazia todas as manhãs e pô-la no chão, mas não exatamente na luz. Pepe arrastou-a por um canto até à posição certa.

— Exigente — disse ela.

Pepe deu três voltas sobre a almofada e virou-lhe as costas.

Os turnos de Nina regulavam os dias. Saía antes do amanhecer, regressava com cheiros de gatos assustados, cães febris e desinfetante. Antes de meter a chave na fechadura, batia duas vezes, para Gennaro não se lançar para o corredor. Mara trabalhava à mesa da sala, revendo provas para uma pequena editora. Lia as frases em voz alta e discutia com autores ausentes. Pepe aprendeu que um lápis a cair não anunciava raiva; Gennaro, que a impressora podia começar a trabalhar sem atacar ninguém.

No terceiro dia, Nina teve de mudar a ligadura. Gennaro deixou-a tirar a faixa, mas, ao ver a tesoura, recuou até à porta. O flanco bateu na parede e o recipiente das chaves oscilou.

— Para — disse Pepe.

— Não consigo.

Pepe saltou da almofada e colocou-se entre as patas dianteiras de Gennaro. Apertou-lhe o dorso contra o peito.

— Olha para mim.

Nina sentou-se no chão. Cortou a ligadura longe da ferida e esperou sempre que o mastim retesava o pescoço. Pepe ficou onde estava. Quando a última compressa saiu, Gennaro deixara uma mancha de saliva no pelo entre as orelhas dele.

— Não digas — murmurou.

— Que te babaste?

— Que tive medo.

Pepe voltou-se e lambeu-lhe o queixo. — Eu já sabia.

A ferida estava limpa. Nina tratou-a e deixou que Gennaro se aproximasse para receber o pedaço de comida com o antibiótico. Mara, da cozinha, voltou a encher a tigela da água.

Nessa noite, Gennaro não dormiu junto à porta. Escolheu o lado do sofá mais próximo da almofada de Pepe.

25. Os nomes nas tigelas

Nina regressou do turno da tarde com duas tigelas de plástico, uma azul e outra cor de laranja. Pousou-as na mesa, pegou num marcador preto e escreveu os nomes que os noticiários repetiam havia uma semana.

PEPE.

GENNARO.

Mara observou-a. — Pensava que querias ficar com eles uma noite.

— Já passou.

— Já passaram quatro.

Nina voltou a pôr a tampa no marcador. — Precisamente.

Pepe fixou a tigela azul. Ouvira o próprio nome gritado nos rings, anunciado pelos apresentadores e transformado em marca. Mal escrito numa tigela de poucos euros, pareceu-lhe novo.

Gennaro cheirou o rebordo cor de laranja, onde a tinta ainda estava fresca, e depois lambeu-o.

Para o primeiro passeio, Nina usou dois peitorais macios e trelas compridas de dez metros. Nada de coleiras, nada de puxões. Saíram ao amanhecer, quando as ruas estavam quase vazias.

Pepe caminhava pelo passeio, evitando as poças por hábito. Depois do primeiro quarteirão atravessou uma de propósito. A água chegou-lhe à barriga e Mara riu-se.

Gennaro parava diante de cada cheiro. Lia a cidade nas marcas deixadas nos muros, nos caixotes e ao pé dos

candeeiros. A corda comprida mantinha-se frouxa entre ele e Nina.

No parque encontraram uma árvore nascida de dois troncos. Um era largo e escuro; o outro, mais fino, inclinava-se para o primeiro até se fundir com ele. As raízes saíam da terra no mesmo ponto.

Pepe cheirou a junção. Gennaro escavou uma cova pouco funda entre as raízes e deitou-se nela. Pepe acomodou-se ao lado.

Mara ergueu o telemóvel, enquadrrou e baixou a mão sem tirar a fotografia.

— Porquê? — perguntou Nina.

— Vanessa fotografava tudo.

Nina olhou para os cães. — Então deixamos esta para eles.

No regresso cruzaram-se com uma patrulha. Pepe reconheceu o cheiro dos uniformes antes de ver o automóvel. Enfiou-se entre as patas de Gennaro; o mastim parou e cobriu-o com o corpo.

Nina não puxou a trela. Continuou a caminhar e falou com Mara sobre o que fariam para o jantar, numa voz tão normal que o agente ao volante olhou apenas por um instante.

Assim que viraram a esquina, Pepe saiu do abrigo.

— Não quero viver assim — disse.

— Eu também não — respondeu Gennaro.

— E então?

Gennaro olhou para Nina, que enrolava tranquilamente a corda demasiado comprida. — Por enquanto, voltamos para casa.

A palavra voltar era mais difícil do que fugir. Pressupunha um lugar que pudesse esperá-los.

Em casa, comeram nas tigelas novas. O marcador resistiu à água e os nomes ficaram.

Mais tarde, Mara saiu para comprar pão. Voltou vinte minutos depois sem pão e fechou a porta com as duas voltas da chave.

— Estava um homem diante do quiosque — disse. — O mesmo casaco de ontem no parque.

Nina tirou lentamente as luvas de cozinha. — Polícia?
— Talvez.

— Não podemos continuar a levá-los à rua.

— Também não podemos fechá-los aqui.

— Mara, se nos denunciarem por favorecimento, eu perco o trabalho. Tu perdes a casa. Eles voltam para o canil na mesma.

A voz de Nina era baixa, mas Gennaro levantou-se. Pepe barrou-lhe o caminho para a cozinha.

— Estão a discutir por nossa causa — disse o mastim.

— Estão a decidir.

— É a mesma coisa.

Mara pousou as chaves em cima da mesa com demasiada força. — Queres chamar Rinaldi?

— Quero uma saída que não acabe mal para todos.

— Não temos nenhuma.

Ficaram em lados opostos da mesa. Mara tinha os olhos brilhantes; Nina continuava a dobrar as luvas, um dedo de cada vez, até fazer delas um quadrado minúsculo.

Pepe foi até à tigela azul e empurrou-a para debaixo do móvel. Depois agarrou o peitoral com os dentes e arrastou-o até à porta.

— O que estás a fazer? — perguntou Gennaro.

— Se formos embora, elas param.

O mastim olhou para as duas mulheres. — E tu, para onde queres ir?

Pepe não tinha resposta. O terminal estava agora vigiado; o campo pertencia ao passado; a cidade tinha olhos nos semáforos e nas estações. Voltou a puxar o peitoral, mas a fivela ficou presa sob a perna do móvel.

Mara viu-o. Ajoelhou-se e libertou a correia. Por um instante, Pepe pensou que lho colocaria. Em vez disso, ela guardou-o na gaveta.

— Não decidimos esta noite — disse Nina.

Mara assentiu. — Mas decidimos juntas.

Não se abraçaram. Nina saiu para o pátio para telefonar à clínica; Mara recuperou a tigela e lavou-a, embora já estivesse limpa. Gennaro voltou para o tapete verde.

Pepe juntou-se a ele. — No campo dizias que lá fora estavas tu.

— Estou.

— Isso não é uma resposta.

Gennaro apoiou o focinho entre as patas. — Passei quatro anos a desejar uma porta aberta. Agora há uma e não sei se quero usá-la.

Pepe acomodou-se contra o flanco dele, do lado sem pontos. — Podemos não saber até amanhã.

Do pátio chegava a voz de Nina a pedir dois dias de folga. Mara apagou a luz da cozinha e deixou acesa apenas a lâmpada junto ao sofá.

Para essa noite bastou.

26. A trovoadá

A trovoadá chegou à tarde. Primeiro mudou o cheiro do ar; depois o céu desceu sobre os telhados e o primeiro trovão fez vibrar os vidros.

Pepe desapareceu debaixo da cama.

Não foi uma decisão. O corpo lembrava-se de portas a bater nos bastidores, fogo de artifício diante dos hotéis, malas atiradas ao chão quando Vanessa se enfurecia. No escuro apertado, encolheu-se contra a parede e prendeu a respiração.

Mara levantou-se do sofá. — Vou para junto dele.

Nina agarrou-lhe o pulso. — Não o puxes para fora. Foi o lugar que escolheu.

— Posso ficar perto dele.

Nina largou-a. — Sim.

Mara sentou-se no chão do quarto, a um metro da cama. Não enfiou as mãos por baixo, não o chamou. Ficou ali.

Gennaro estava diante da janela. Viu um relâmpago abrir o céu durante um segundo e depois atravessou o corredor. Baixou-se junto à cama, enfiou apenas o focinho na escuridão e lambeu Pepe na testa. Em seguida deitou-se no chão, com o flanco encostado à borda do colchão.

Pepe sentiu-lhe o calor através da madeira.

A trovoadá durou quase uma hora. Quando os trovões se afastaram, saiu devagar. Primeiro o focinho, depois as patas, depois o resto do corpo. Gennaro não se mexeu até Pepe se deitar contra ele.

Mara voltou à cozinha. Nina fazia chá.

— Tinhas razão — disse Mara.

— Em quê?

— Em não lhe pegar.

Nina passou-lhe uma chávena. — Tu tiveste razão em ficar.

Mara beijou-a na têmpora. O gesto foi rápido, habitual, e Pepe viu-o da ombreira.

Nessa noite não conseguiu dormir. Foi até à janela da sala. A chuva limpava a rua; sob o candeeiro estava um automóvel escuro que nunca vira. O motor estava desligado, mas o capô ainda libertava calor.

Gennaro foi ter com ele.

— Encontraram-nos?

— Talvez.

Pepe olhou para o reflexo da sala no vidro. Atrás deles estavam o sofá gasto, as tigelas, a manta estendida a secar.

— Tenho medo de a perder.

Gennaro não perguntou se falava da casa ou da vida dentro dela. — Eu também.

— Nunca pareces assustado.

— No boxe, se reparavam, batiam-me.

Pepe conhecia uma regra semelhante: diante da câmara, sorri.

— Aqui podes deixar que se veja — disse.

Gennaro deslocou uma pata até tocar na dele.

Pepe pensou em Vanessa suspensa no vazio. A cena regressava nos momentos tranquilos, nunca durante a fuga. — Às vezes ainda ouço a voz dela.

— Eu também o ouço a ele.

— Lamentas?

— Lamento ter-me tornado capaz.

Pepe pousou o focinho no chão. Era a resposta que procurara sob a figueira e não soubera formular.

Ficaram à janela até o automóvel escuro partir sem acender os faróis.

27. O portão aberto

Rinaldi encontrara-os dois dias antes.

Uma câmara de trânsito filmara Mara e Nina a carregarem Gennaro perto da passagem inferior. Pela matrícula chegara à morada. Não pedira logo um mandado. Observava a casa do automóvel e anotava horários, visitas, trajetos.

Mancuso estava sentado ao lado com um copo de café já frio. — Se estão ali, porque esperamos?

— Quero perceber se as raparigas os prendem ou se são os cães que as prendem a elas.

— Que diferença faz?

Rinaldi não respondeu.

Na manhã do sexto dia, Mara abriu o portão verde para levar o lixo. O telefone tocou dentro de casa. Deixou o portão aberto e voltou a entrar.

Pepe e Gennaro estavam no pátio, sem peitorais.

Mancuso pousou o café. — Ali estão eles.

Além do portão havia a rua livre. Nenhuma rede, nenhuma trela, ninguém entre eles e a esquina por onde podiam desaparecer.

Pepe avançou até à soleira. Olhou para a direita, em direção ao centro; para a esquerda, em direção à passagem inferior e à linha férrea. Gennaro parou ao lado dele.

— Podíamos ir — disse Pepe.

— Sim.

— Antes que entrem.

— Sim.

Pepe ouviu Mara falar ao telefone na cozinha, Nina abrir uma gaveta, o ruído da tigela cor de laranja a deslocar-se no chão. Deu um passo atrás.

Gennaro seguiu-o.

Voltaram a entrar em casa. O portão ficou aberto.

Mancuso voltou-se para Rinaldi. — Já percebemos?

Rinaldi fechou o bloco. — Agora sabemos que não são prisioneiros.

— Não é disso que precisamos para prender as raparigas.

— Não.

— Então peço o mandado.

Rinaldi ligou o motor. — Peço-o eu.

Partiu antes de Mara voltar para fechar o portão.

PARTE V

O TERCEIRO PROCESSO

28. A verificação

Rinaldi bateu à porta às nove da manhã.

Três pancadas iguais, com a cadência de quem não receia que a porta fique fechada.

Pepe estava na cozinha. À primeira pancada, deslizou para debaixo da mesa; à segunda, chegou ao corredor. Gennaro já estava diante da entrada, atravessado no caminho.

— É ele — disse Pepe.

Mara olhou pelo óculo. — Polícia.

Nina fechou a porta do pátio e pegou no telemóvel. — Não abras.

— Se tivesse um mandado, não vinha sozinho.

Mara abriu, deixando a corrente presa.

Rinaldi mostrou a identificação. Vestia o mesmo casaco escuro dos dias de vigilância e não trazia trelas, redes ou colegas.

— Sei que estão aqui.

— Quem? — perguntou Mara.

Pepe ladrrou antes de ela acabar.

Rinaldi olhou para o corredor. — O pequeno, para começar.

Retiraram a corrente. Gennaro não recuou quando o inspetor entrou. Pepe colocou-se entre as patas dele, de focinho voltado para o homem.

Rinaldi parou a alguma distância. Em cima do móvel viu os peitorais, as compressas, a caixa do antibiótico. Na cozinha, as duas tigelas tinham os nomes verdadeiros.

— Subtraíram dois animais sob custódia.

— Encontrámo-los feridos — disse Nina.

— E não chamaram ninguém.

— Sabíamos o que aconteceria.

— Um homem ficou com a garganta esmagada. Uma mulher foi deixada cair de um miradouro.

Mara empalideceu. Nina não desviou os olhos. —
Consegue prová-lo?

Rinaldi olhou para Pepe. — A eles, sim.

Sentou-se na cadeira mais próxima da porta. Gennaro acompanhou-lhe todos os movimentos.

— Alfredo Esposito batia-lhe, sedava-o e usava-o para reprodução. Vanessa Crespi vivia graças ao cão e preparava-se para o entregar a um programa que ele temia. Isto explica. Não absolve.

Pepe saiu debaixo de Gennaro. Aproximou-se de Rinaldi até sentir nas botas o cheiro da ponte, já fraco, mas ainda presente.

— Na ponte podia tê-lo agarrado — disse Pepe.

— Eu sei — respondeu Gennaro.

Rinaldi estendeu uma mão para o mastim. Gennaro mostrou ligeiramente os dentes. Ele retirou-a.

— A comissão reúne-se amanhã. Se os levarmos de volta, o mastim será abatido. O pequeno ficará isolado e depois irá para um herdeiro de Vanessa. Se ficarem aqui, mais cedo ou mais tarde outra câmara encontra-os.

— Porque nos está a dizer isto? — perguntou Mara.

Rinaldi observou o portão visível da janela. — Porque ontem estava aberto e eles voltaram para dentro.

Nina percebeu antes de Mara. — Quanto tempo?

— Vinte e quatro horas. Depois terei de voltar com um mandado.

— E se o Ministério Público mandar outra pessoa?

— Nesse caso terão menos.

Levantou-se. Antes de sair, parou diante das tigelas. O nome de Gennaro estava esborratado num ponto, mas continuava legível.

— Vão ter de os mudar — disse.

Pepe rosnou.

Rinaldi olhou para ele. — Nos documentos, não aqui.

29. A escolha de Rinaldi

Ferretti esperava por ele no parque de estacionamento do Canil de Ferro. Terminara o turno, mas ainda trazia a bata por baixo do casaco.

Rinaldi entregou-lhe um envelope com dois números de microchip e a morada de Mara e Nina.

— Está a pedir-me que cometa pelo menos três crimes.

— Quatro, se registar os chips novos.

— E o senhor?

— Falsificação de documento, omissão, favorecimento. Ainda não contei bem.

Ferretti abriu o envelope. — Porquê?

Rinaldi acendeu um cigarro, segurou-o entre os dedos e não o levou à boca. — Passei a vida à procura do momento em que uma pessoa podia ter escolhido de outra maneira. É aí que começa a responsabilidade.

— E eles escolheram.

— Sim.

— Mataram.

— Sim. — Rinaldi olhou para o edifício. — Depois, diante de um portão aberto, escolheram voltar para dentro.

Ferretti fechou o envelope. — Isso não apaga os mortos.

— Não. Mas a lei que posso aplicar não os julga. Destrói-os. É uma diferença que até ontem me parecia teórica.

— E hoje?

Rinaldi apagou o cigarro intacto no cinzeiro. — Hoje tenho de a escrever num relatório.

Ferretti tinha uma carrinha azul usada no transporte de cães recuperados. Conhecia uma pequena associação

em Val Trebbia e uma veterinária disposta a trabalhar de noite. Tinham dois microchips estéreis ainda sem atribuição. Podiam remover cirurgicamente os dispositivos antigos e implantar os novos durante a mesma anestesia; depois registariam dois animais encontrados e duas adoções no sistema regional de identificação canina.

— Os chips podem migrar sob a pele — disse. — É preciso localizá-los com precisão. Anestesia, incisão, pontos. Não é trocar uma medalha.

— Eu sei.

— E as raparigas?

— Vão com eles.

Ferretti estudou-o. — Organizou tudo antes de me perguntar se eu aceitava.

— Aprendi com um chihuahua.

Quando Rinaldi voltou ao gabinete, Mancuso tinha no monitor o pedido de mandado já preenchido.

— Falta a sua assinatura.

Rinaldi sentou-se. — Amanhã de manhã.

— Porque não agora?

— Porque quero reler o processo.

Mancuso fixou-o, depois guardou o documento sem o enviar. — Vinte e quatro horas?

Rinaldi ergueu os olhos.

O subinspetor pegou no casaco. — Perguntei se lhe chegam.

Foi a única maneira como falaram da escolha.

Às dezoito e quarenta, telefonou ao magistrado do Ministério Público.

— A matrícula filmada em Certosa pertence à companheira de uma funcionária da clínica. Temos uma morada?

Rinaldi tinha diante de si o número da porta, a planta do edifício e doze fotografias do portão verde.

— Não confirmada.

— A patrulha pode verificar.

— Se chegarem de uniforme e os animais estiverem lá, o mastim reage. Quero a unidade veterinária.

— Amanhã de manhã, então.

Rinaldi desligou. No sistema de pesquisa ainda constava a nota que autorizava qualquer patrulha a conter os cães enquanto aguardava pela unidade especializada. Abriu-a, substituiu perigo imediato por possível avistamento não confirmado e retirou a morada de Mara. Cada alteração guardava o nome do operador e a hora.

Mancuso, parado à porta, leu o ecrã. — Isto não desaparece no arquivo.

— Não.

— Se os apanharem depois de ferirem alguém, a assinatura é sua.

— Sim.

O subinspetor entrou e fechou a porta. — E se não ferirem ninguém?

Rinaldi guardou a alteração. — A assinatura continua a ser minha.

Às vinte e uma horas chegou um e-mail do advogado da mãe de Vanessa. Pedia a restituição de Pepe como bem da herança e anexava uma estimativa do valor reprodutivo.

Meia hora depois, o irmão de Alfredo telefonou para saber se Gennaro seria abatido e se a família podia assistir.

Rinaldi não respondeu a nenhum. Imprimiu a avaliação de Pepe, colocou-a junto das fotografias das cicatrizes de Gennaro e ficou sentado até os gabinetes se esvaziarem.

Às vinte e três e dezassete telefonou a Ferretti.

— A estrada está livre até às sete.

— E depois?

— Depois começam a ler as minhas alterações.

30. Os números sob a pele

A clínica abriu para eles às duas da manhã. Nenhum letreiro iluminado, estores descidos, a carrinha azul estacionada nas traseiras.

Pepe reconheceu a mesa de aço e procurou a porta. Gennaro barrou-lhe o caminho com o focinho.

— Se sairmos agora, encontram-nos.

— Eu sei.

— Tens medo?

— Sim.

Gennaro deitou-se no chão. — Eu também.

Ferretti passou o leitor sobre a omoplata esquerda de Pepe. O aparelho emitiu um sinal e mostrou o número associado a Vanessa. Com um marcador assinalou o ponto. O chip de Gennaro descera quase sete centímetros ao longo do ombro; localizou-o com a ecografia.

Repetiu a leitura em todo o corpo, do pescoço à cauda, para excluir um segundo dispositivo. Depois leu em voz alta as duas sequências enquanto Nina as confrontava com o sistema regional. Pepe estava registado em nome de Vanessa Crespi. Gennaro em nome de Alfredo Esposito. Mesmo mortos, os donos continuavam dentro dos corpos deles.

Ferretti preparou dois frascos de sedativo, mas não os abriu.

— Não posso explicar-lhes o consentimento — disse. — Pelo menos posso não os surpreender.

Deixou aberta a porta da sala e estendeu no chão a manta usada no canil. Gennaro cheirou a mesa, os

instrumentos cobertos e a saída. Podia ter chegado ao pátio das traseiras. Em vez disso, deu uma volta à sala e regressou para junto de Pepe.

— Depois não nos encontram? — perguntou Pepe.

— Não com esses números — respondeu Gennaro.

— E nós continuamos a ser nós?

Gennaro empurrou-o devagar para a manta. — Aquele nunca foi o número deles.

Pepe subiu. Nina manteve uma mão diante do focinho dele até a injeção começar a fazer efeito.

Nina ficou durante a preparação. Mara esperava no corredor, com as tigelas dentro de um saco e o casaquinho rasgado de Pepe dobrado no fundo.

Adormeceram primeiro Gennaro. Pepe viu-o ceder lentamente, com a cabeça entre as patas. Quando chegou a sua vez, mordeu a borda da manta até sentir o sabor do tecido.

Acordou numa sala morna. O ombro ardia. Gennaro estava no colchão ao lado, ainda imóvel, mas com a respiração funda.

No tabuleiro de metal havia dois pequenos cilindros de vidro biocompatível, sujos de sangue.

Oito anos num. Quatro no outro.

Ferretti colocou-os em dois recipientes separados, escreveu os números e fechou-os num envelope blindado. Entregou-o a Rinaldi, que chegara sem automóvel de serviço.

— Destrua-os o senhor — disse.

Rinaldi olhou para os chips. — Não. Guardo-os no processo.

— São provas.

— Precisamente.

Antes de fechar as incisões, Ferretti implantou os chips novos no lado oposto e verificou os números com um segundo leitor. No sistema regional, Pepe passou a chamar-se Leo, rafeiro de oito anos encontrado sem dono. Gennaro tornou-se Bruno, cruzado de mastim de quatro anos. Mara e Nina assinaram duas adoções formalmente regulares, assumindo cuidados, domicílio e responsabilidade.

Ficaram em observação até ao amanhecer. Ferretti verificou a temperatura, as feridas e a reação à anestesia. Só autorizou a viagem quando ambos beberam, aceitaram alguns pedaços de comida e caminharam sem cambalear; Nina continuaria a vigiá-los durante o trajeto.

Quando Pepe conseguiu levantar-se, foi até à tigela azul. O seu nome continuava escrito no rebordo.

— Leo — disse Gennaro.

Pepe lançou-lhe um olhar irritado.

— Fica-te pessimamente.

— Bruno é pior.

Pela primeira vez desde a ponte, riram-se.

31. A carrinha azul

Partiram antes do amanhecer.

Mara e Nina levaram dois sacos, as mantas, as tigelas e uma caixa de livros que Mara se recusou a deixar. Ferretti conduzia. A traseira da carrinha estava forrada com colchões baixos; nenhuma jaula.

Pepe subiu e desceu logo a seguir. Atravessou o pátio, entrou em casa e deu uma última volta: o sofá bege, a janela, o lugar debaixo da cama, a mancha clara deixada pela tigela no soalho.

Gennaro esperava por ele na soleira.

— Não quero ir — disse Pepe.

— Eu também não.

— Então ficamos.

Gennaro olhou para a rua ainda escura. — Ficar não significa esperar que venham buscar-nos.

Pepe sabia que ele tinha razão e odiou-o durante alguns segundos.

Mara ajoelhou-se perto dele. Não tentou pegar-lhe. — A casa não é isto — disse em voz baixa. — Isto são apenas paredes.

Nina, atrás dela, fechou a porta e pôs a chave debaixo do vaso da oliveira. — E podemos voltar.

Pepe subiu para a carrinha.

O portão verde ficou aberto enquanto o motor arrancava. Gennaro olhou para a oliveira até a curva a esconder.

No banco da frente, Ferretti levava uma pasta com os documentos novos. Seguiu estradas secundárias para levante, evitando autoestradas e câmaras nas portagens.

Dentro da carrinha, Mara pousou a cabeça no ombro de Nina. Pepe acomodou-se contra o flanco de Gennaro. As incisões dos chips doíam a cada buraco, mas a dor tinha um limite preciso e uma razão escolhida.

— Para onde vamos? — perguntou Pepe.

— Para um sítio com erva — disse Gennaro.

— É tudo o que sabes?

— Ela também falou num portão.

Pepe ergueu o focinho. — Fechado?

— Não perguntei.

32. As pegadas na areia

Ferretti desviou para o mar quando o sol já ia alto. Em Bogliasco saiu da estrada costeira e estacionou sob a linha férrea. Disse que os cães precisavam de caminhar e que mais à frente, em direção a Bargagli, tinha havido um acidente. Ninguém lhe perguntou qual das duas razões era a verdadeira.

A praia era uma faixa de areia cinzenta entre a linha férrea e a água. No inverno não havia chapéus de sol nem pessoas, apenas madeiras trazidas pela ondulação.

Pepe desceu da carrinha e parou. O sal cobria todos os outros cheiros. Era o mesmo mar que vira durante anos através dos vidros dos automóveis, das varandas dos hotéis e do miradouro onde Vanessa morrera. Nunca lhe tocara em liberdade.

Gennaro avançou até à água. A primeira onda molhou-lhe as patas; a segunda chegou à ligadura e Nina chamou-o.

Pepe seguiu-lhe as pegadas. As suas eram pequenas e superficiais; as de Gennaro, largas e fundas. Durante algum tempo correram paralelas.

— Lembras-te do primeiro dia? — perguntou.

— Da chuva.

— Olhaste para mim como se soubesses tudo.

— Sabia que tremias.

Pepe entrou na água até ao peito e saiu logo, sacudindo-se. Mara riu-se; Nina fotografou-a com os cães, depois guardou o telemóvel no bolso sem enviar a imagem a ninguém.

Gennaro deitou-se na areia seca. Pepe enroscou-se junto ao ombro dele, com cuidado por causa dos pontos.

— Se não tivéssemos matado, estaríamos aqui?

Gennaro olhou para o mar. — Não sei.

— Isso torna certo o que fizemos?

— Não.

A resposta veio sem hesitação. Pepe pousou o focinho nas patas.

— Então, o que somos?

— Vivos.

Não era uma absolvição. Para aquele dia bastou.

33. A operação stop

O alerta sobre a carrinha chegou às catorze e doze. Uma câmara filmara-a em Bargagli, a seguir para a estrada nacional 45; a matrícula estava em nome do centro de saúde animal de Begato.

Mancuso entrou no gabinete de Rinaldi com o telefone na mão. — Uma patrulha vai mandá-los parar na estrada nacional.

Rinaldi olhou para o relógio. O mandado continuava a ser um rascunho no sistema. — Com que fundamento?

— Veículo ligado à fuga.

— O veículo pertence à doutora Ferretti. Não foi roubado.

— Chefe.

— Diz à patrulha para verificar os documentos e o estado dos animais. Nada mais.

Mancuso fez a chamada diante dele.

A operação stop ficava pouco antes de Torriglia, depois de uma curva da estrada nacional: dois automóveis de serviço e quatro agentes. Ferretti encostou. Mara apertou a mão de Nina. Na traseira, Pepe sentiu o cheiro dos uniformes e enfiou-se sob o pescoço de Gennaro.

Um agente abriu a porta traseira. — Transporte de animais?

— Duas adoções. Os documentos estão no porta-luvas.

Passou o leitor primeiro sobre Pepe, depois sobre Gennaro. Os números novos apareceram no ecrã e coincidiam com Leo e Bruno. Examinou as incisões cobertas pelos pensos.

— Implantação recente.

— Foram encontrados sem chips legíveis — disse Ferretti.

— Procedimento da associação.

O agente olhou para Gennaro. O mastim sustentou-lhe o olhar sem rosar. Pepe continuou escondido.

O rádio ao ombro do homem crepitou. Uma voz disse: documentos em ordem, nenhuma ordem de detenção.

A porta traseira fechou-se.

A carrinha voltou a arrancar. Só depois de duas curvas Pepe saiu debaixo de Gennaro.

No gabinete em Génova, Mancuso pousou o telefone. — Passaram.

Rinaldi assentiu.

— Agora, o que escrevemos?

— A verdade que conseguimos provar.

— Ou seja?

Rinaldi abriu o terceiro processo. — Que dois animais entraram num canal durante uma cheia e não foram recuperados.

Mancuso continuou de pé. — E os cães na carrinha?

— Leo e Bruno. Os chips estavam em ordem.

O subinspetor olhou para a janela. — Claro.

34. O terceiro processo

A reunião com o Ministério Público durou vinte e sete minutos.

Rinaldi mostrou as gravações, os relatórios da trovada e as imagens da ribeira em cheia. Não mostrou os chips originais, fechados num envelope na gaveta da secretária. Não falou da casa com o portão verde nem da ponte.

— Probabilidade de sobrevivência? — perguntou o magistrado do Ministério Público.

Ferretti escrevera a frase acordada: extremamente reduzida sem recuperação nas primeiras setenta e duas horas.

— Baixa — disse Rinaldi.

— E os corpos?

— A ribeira desagua no porto. Naquela noite, a corrente ultrapassava os limites de segurança para as buscas.

O magistrado fechou a pasta. Dois mortos humanos, dois animais presumivelmente mortos, nenhum arguido possível. O caso não oferecia julgamento, conferência de imprensa ou carreira.

— Arquivamos quando os prazos terminarem.

Rinaldi regressou ao gabinete e abriu a gaveta. Os chips eram dois cilindros quase idênticos. Colocou-os no terceiro processo com a fotografia tirada no campo Monteverde: Pepe diante da rede, Gennaro do outro lado.

Na última página escreveu:

PEPE, CHIHUAHUA, PRESUMIVELMENTE MORTO.

GENNARO, MASTIM NAPOLITANO,
PRESUMIVELMENTE MORTO.

Por baixo acrescentou: nenhum perigo adicional para a comunidade.

Mancuso leu por cima do ombro dele. — Temos a certeza disso?

Rinaldi fechou a pasta. — Não.

— E então?

— Todos os relatórios contêm o ponto em que deixamos de saber e decidimos o que fazer com a dúvida.

Levou o processo para o arquivo. Arrumou-o na prateleira mais baixa, atrás de uma caixa de documentos já destinados à destruição.

Três dias depois recebeu a convocatória do controle interno. O sistema registara o atraso no pedido do mandado, a alteração à nota operacional e a chamada com que limitara a operação stop. Mancuso propôs-lhe um relatório conjunto: excesso de trabalho, erros de coordenação, responsabilidades repartidas.

Rinaldi escreveu, em vez disso, seis linhas. A avaliação operacional fora sua. As ordens tinham sido suas. Mancuso executara-as.

— Assim, tiram-no das investigações — disse o subinspetor.

— É provável.

— E valeu a pena?

Rinaldi pensou no portão verde, nos dois corpos que podiam tê-lo atravessado e não o tinham feito. — Pergunta-me quando soubermos o que fazem do tempo.

Aceitou a repreensão formal e a transferência temporária para o atendimento de queixas. Não disse nada sobre Ferretti, Mara ou Nina. Os chips originais ficaram no

processo: não como troféu, mas como a parte da história que decidira não entregar a uma sentença automática.

Pela primeira vez em muitos anos saiu sem verificar se trazia os cigarros.

35. O portão aberto

A casa em Val Trebbia tinha um telhado baixo, um celeiro vazio e um prado que descia até ao bosque. A associação usava-a para cães que não podiam regressar aos canis e ainda não estavam preparados para uma família.

Mara e Nina ficaram com o quarto do rés do chão. Ferretti permaneceu dois dias, verificou os pontos e partiu na carrinha azul.

O portão não tinha fechadura, apenas um trinco que o vento conseguia levantar.

Na primeira manhã encontraram-no aberto.

Pepe chegou até à estrada de terra branca. Gennaro juntou-se a ele, ainda hirto por causa das feridas. Diante deles, a estrada descia para a aldeia; atrás, da cozinha, vinham o cheiro a café e o ruído do marcador com que Mara voltava a escrever os nomes nas tigelas.

PEPE.

GENNARO.

— Nos documentos estamos mortos — disse Pepe.

— E chamamo-nos Leo e Bruno.

— Não digas isso.

Gennaro pousou a cabeça no pescoço dele. Para lá do bosque, tocou um sino. Nenhuma sirene respondeu.

— Podemos ir — disse Pepe.

— Sim.

— Podemos ficar.

— Sim.

Pepe olhou para a estrada e depois para a casa. Durante muito tempo tinham confundido a liberdade com a

distância entre eles e uma jaula. Agora essa distância estava aberta nas duas direções.

— Amo-te — disse.

Gennaro manteve a cabeça sobre o pescoço dele mais alguns segundos. — Eu sei.

Pepe mordeu-lhe suavemente uma prega da face. — Era a tua vez de o dizeres.

— Amo-te.

Voltaram para a cozinha. Mara pousou as tigelas no chão; Nina examinou os pensos sem precisar de os prender.

O portão ficou aberto todo o dia.

NOTA DO AUTOR

Amor Enjaulado é uma fábula negra. Os cães falam entre si; os seres humanos ouvem apenas latidos, silêncios e movimentos. Tudo o resto pertence ao mesmo mundo que conhecemos: aquele em que um animal pode ser amado e possuído pela mesma mão.

Trabalho com cães há mais de quarenta anos. Neste romance, não procurei torná-los humanos, mas devolver-lhes uma vontade narrativa: a capacidade de desejar, temer, escolher e carregar o peso das próprias escolhas.

O autor

Paolo Picariello nasceu em Génova, em 1959, e vive em Portugal desde 1998. Escritor, poeta e profissional de cinotecnia, é criador com o afixo FCI Dos Maus Feitios e juiz internacional de IGP e Mondioring. Publicou obras de poesia e ficção e foi finalista do Prémio Internacional de Literatura Città di Como.